

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

FERNANDO PARA ASU E SILVA CARDOSO

**CONQUISTAS INTERNACIONAIS DO BASQUETEBOL BRASILEIRO NAS
DÉCADAS DE 1980 E 1990: DOCUMENTAÇÃO TÁTICO-TÉCNICA DE PARTIDAS
HISTÓRICAS**

Brasília - DF

2024

Fernando Para Asu e Silva Cardoso

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Lamas

**CONQUISTAS INTERNACIONAIS DO BASQUETEBOL BRASILEIRO NAS DÉCADAS
DE 1980 E 1990: DOCUMENTAÇÃO TÁTICO-TÉCNICA DE PARTIDAS HISTÓRICAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade de Educação Física
da Universidade de Brasília, como requisito
para obtenção de aprovação na disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso –
Bacharelado.

Brasília - DF

2024

FERNANDO PARA ASU E SILVA CARDOSO

CONQUISTAS INTERNACIONAIS DO BASQUETEBOL BRASILEIRO NAS DÉCADAS
DE 1980 E 1990: DOCUMENTAÇÃO TÁTICO-TÉCNICA DE PARTIDAS HISTÓRICAS.

17 de setembro de 2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Leonardo Lamas Leandro Ribeiro - Orientador

Prof. Dr. Juan Carlos Pérez Morales

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família, em especial minha falecida mãe Lucianna Para-Asu, que nunca mediu esforços para me apoiar. Obrigado por tudo.

AGRADECIMENTOS

Começo os agradecimentos exaltando o orientador deste trabalho, Professor Doutor Leonardo Lamas, que me orientou com muita dedicação, paciência e clareza durante toda a execução deste trabalho. Agradeço pelo olhar humano que teve sobre minha formação, estando presente em momentos difíceis e aconselhando sempre que possível. Fico feliz em ter criado uma relação de respeito, amizade e carinho com uma pessoa que é um exemplo para mim. Na mesma linha, agradeço todos os membros do LabEsporte que me apoiaram durante a execução do projeto.

Sigo agradecendo o companheirismo de meus amigos de curso: Vinicius Fernandes, Tiago Coutinho, Leonardo César, Wilson Pequeno, Danilo Flôr, Álvaro Anchieta, Leonardo Miranda, Rafael Vianna, Tairiny Ayala, Rayssa Sabrina e Caio Nathan. Obrigado por apoiarem e fazerem meus dias na faculdade serem mais leves.

Também agradeço aos meus colegas de comissão técnica Raphael Silveira e Rafael Politi por todo companheirismo, paciência e experiências, além de todo apoio e conselhos para me ajudar a concluir este trabalho.

Finalizo agradecendo meus familiares pelos conselhos e direções durante a jornada acadêmica, carinho e cobranças.

RESUMO

Nas décadas de 1980 e 1990, o basquetebol brasileiro obteve diversas conquistas expressivas a nível mundial com seleções nacionais e também clubes. Essas conquistas são de grande relevância para a história do basquete brasileiro, tendo contribuído para definir a perspectiva de nossa comunidade esportiva acerca da prática desse esporte. Porém, a comunidade científica produziu pouca literatura acerca dessas conquistas. O objetivo desta pesquisa é realizar a documentação das principais conquistas do basquetebol brasileiro por meio da análise do desempenho tático-técnico a partir de variáveis discretas e dinâmicas para adicionar à explicação sobre o sucesso desportivo alcançado. A pesquisa possui caráter transversal, observacional, realizada por meio de análise notacional. As partidas analisadas serão as principais conquistas internacionais do basquetebol brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. A coleta de dados de cada partida será realizada por meio do vídeo completo, disponível na plataforma do Youtube. Foi realizada a análise descritiva das variáveis em três diferentes níveis: análise discreta por box score, análise das redes de interação social e análise das dinâmicas de criação de espaço.

Palavras-chave: esportes coletivos; análise de desempenho; métodos quantitativos; estatística.

ABSTRACT

During the 1980s and 1990s, Brazilian basketball achieved numerous significant international victories with national teams and clubs. These accomplishments are highly relevant to the history of Brazilian basketball, shaping the perspective of our sports community on the practice of the game. However, there is limited scientific literature on these achievements. This research aims to document the major victories of Brazilian basketball by analyzing tactical and technical performance through discrete and dynamic variables to enhance the understanding of the sporting success attained. The study is cross-sectional and observational, employing notational analysis. The analyzed games will be the key international victories of Brazilian basketball from the 1980s and 1990s. Data collection for each game was performed using full-length videos available on YouTube. Descriptive analysis of the variables was conducted at three different levels: discrete analysis via box score, analysis of social interaction networks, and analysis of space creation dynamics.

Keywords: team sports; performance analysis; quantitative methods; statistics

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVO.....	12
3. MÉTODOS.....	13
3.1. Desenho do estudo.....	13
3.2. Amostra.....	13
3.3. Procedimentos.....	13
3.4. Análise dos dados.....	13
3.4.1. Análise discreta por Box Score.....	13
3.4.2. Análise de redes sociais de interação.....	14
3.4.3. Análise dinâmica por dinâmicas de criação de espaço.....	14
4. RESULTADOS.....	16
5. DISCUSSÃO.....	37
6. CONCLUSÃO.....	41
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Box Score Cuba x Brasil – Final Pan-Americano Feminino 1991

Figura 2 – Rede de interações sociais Cuba x Brasil – Final Pan-Americano Feminino 1991

Figura 3 – Box Score EUA x Brasil – Semifinal Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Figura 4 – Rede de interações sociais EUA x Brasil – Semifinal Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Figura 5 – Box Score Brasil x China – Final Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Figura 6 – Rede de interações sociais Brasil x China – Final Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Figura 7 – Box Score Ponte Preta/Nossa Caixa x Basket Parma – Mundial Interclubes Feminino 1993

Figura 8 – Rede de interações sociais Ponte Preta/Nossa Caixa x Basket Parma – Mundial Interclubes Feminino 1993

Figura 9 – Box Score EUA x Brasil – Final Pan-Americano Masculino 1987

Figura 10 – Rede de interações sociais EUA x Brasil – Final Pan-Americano Masculino 1987

Figura 11 – Box Score Real Madrid x E.C. Sírio - Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1981

Figura 12 – Rede de interações sociais Real Madrid x E.C. Sírio - Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1981

Figura 13 – Box Score Monte Líbano x Barcelona – Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1985

Figura 14 – Rede de interações sociais Monte Líbano x Barcelona – Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1985

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dinâmicas de criação de espaço do Brasil - Cuba x Brasil – Final Pan-Americano Feminino 1991

Gráfico 2 - Dinâmicas de criação de espaço do Brasil - EUA x Brasil – Semifinal Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Gráfico 3 - Dinâmicas de criação de espaço do Brasil - Brasil x China – Final Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Gráfico 4 - Dinâmicas de criação de espaço da Ponte Preta/Nossa Caixa - Ponte Preta/Nossa Caixa x Basket Parma – Mundial Interclubes Feminino 1993

Gráfico 5 - Dinâmicas de criação de espaço do Brasil - EUA x Brasil – Final Pan-Americano Masculino 1987

Gráfico 6 - Dinâmicas de criação de espaço do E.C. Sírio - Real Madrid x E.C. Sírio - Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1981

Gráfico 7 - Dinâmicas de criação de espaço do Monte Líbano - Monte Líbano x Barcelona – Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1985

1. Introdução

Nas décadas de 1980 e 1990, o basquetebol brasileiro obteve diversas conquistas expressivas a nível mundial com seleções nacionais e também clubes. No naipe feminino, a seleção brasileira conquistou o título do campeonato Pan-americano de 1991, após vitória sobre a seleção cubana, e o campeonato mundial em 1994, após derrotar a seleção americana na semifinal e a seleção chinesa na final. No mesmo naipe, a equipe da Ponte Preta/Nossa Caixa obteve o título de campeã do Mundial Interclubes Feminino de Basquete de 1993 ao derrotar a equipe do Primizie Basket Parma na final. Já a seleção masculina obteve a conquista no campeonato Pan-americano de 1987 quando superou a seleção estadunidense na final da competição, nos Estados Unidos. Este fato foi determinante para a autorização de atletas profissionais estadunidenses nos Jogos Olímpicos, culminando no “Dream Team”, em Barcelona-1992. No mesmo naipe, a equipe do Esporte Clube Sírio conquistou o título do Mundial de Clubes de Basquete de 1979, além do vice-campeonato em 1981. Completando o conjunto de conquistas de vulto internacional, o Clube Atlético Monte Líbano conquistou o vice-campeonato da mesma competição em 1985. Essas conquistas são de grande relevância para a história do basquete brasileiro, tendo contribuído para definir a perspectiva de nossa comunidade esportiva acerca da prática desse esporte. A ideia de uma escola de basquetebol na qual “o ataque é a melhor defesa”, privilegiando arremessos de três pontos e a voluntariedade dos jogadores foi impulsionada pelas noções acerca do desempenho adquiridas a partir desses feitos históricos. Ainda hoje, a imprensa produz conteúdos e chama a atenção para tais feitos históricos a partir dessa narrativa centrada na impetuosidade e qualidade ofensiva dos jogadores. Por outro lado, a comunidade científica produziu pouca literatura acerca dessas conquistas. Logo, há margem para questionar a precisão das impressões sobre como nossas seleções jogaram nessas conquistas e a eficiência das escolhas sobre como jogar. Uma abordagem metodológica adequada se faz necessária para o aperfeiçoamento das noções sobre como logramos tais conquistas. Com isso, qualificar a análise desportiva de tais conquistas.

O mérito de abordagens quantitativas acerca de fatos históricos no esporte vem sendo refletido visando a harmonização de tradições metodológicas de pesquisa. Conforme comentado por Vamplew (2015), os números permitem fazer comparações, colocar os eventos em perspectiva e distinguir o típico do incomum. Enfatize-se que as evidências estatísticas precisam ser rigorosamente verificadas quanto à confiabilidade e validade, e, ao realizar pesquisas estatísticas, o historiador esportivo não deve negligenciar suas habilidades como historiador (Vamplew, 2015). Ainda, as abordagens quantitativas podem fortalecer um

argumento ao fornecer uma base estatística para as afirmações históricas. A medição permite que os historiadores sejam mais precisos em suas respostas (Vamplew, 2016). Além disso, a contagem dos eventos permite fazer comparações mais eficazes (Dixon, Garnham e Jackson, 2004). No caso da análise notacional do desempenho no esporte (Hughes, 2003), em que competições esportivas registradas em vídeos podem ser analisadas por meio da anotação dos eventos relevantes, há condições favoráveis à realização de pesquisas históricas que fortaleçam a discussão sobre as circunstâncias em que se deram os fatos esportivos de interesse (Hughes, 2003).

De fato, a história da análise do desempenho no esporte é antiga (Eaves, 2015). Conforme os relatos, já na metade do século XIX eram realizadas análises de desempenho para explicar como jogadores desempenhavam em partidas de basebol, nos Estados Unidos (Eaves, 2015). Pouco depois, encontram-se registros bastante elaborados em jornais franceses explicando as razões de vitória e derrota em partidas de futebol (Pollard, 2002). Os métodos notacionais veem sendo desenvolvidos até o presente (Gomez, 2017). Hoje possuímos amplo repertório de alternativas de análise do desempenho, o que estabelece uma tradição neste campo de investigação e pesquisas históricas que são realizadas se valendo do acúmulo de informações de quase dois séculos (Eaves, 2015).

O arcabouço metodológico robusto da análise notacional do desempenho (Gomez, 2017; Hughes, 2003) pode ser empregado no entendimento das conquistas históricas do basquetebol brasileiro de forma bastante efetiva. A começar pelo fato favorável dos vídeos completos dos jogos das competições nas quais o Brasil sagrou-se campeão estarem disponíveis na internet de forma gratuita. Somado a isso, existe extensa produção científica especificamente na temática do basquetebol que pode embasar as análises nesta perspectiva histórica de como o desempenho ocorreu (Oh et al., 2015; Lamas et al., 2015; Lamas et al., 2011; Oliver, 2011; Kubatko et al., 2007). Para análises dos dados sumarizados das partidas, os denominados “box-scores”, com informação sobre pontos, rebotes, assistências, etc, a literatura é bem estabelecida e largamente aplicada nas ligas profissionais mundo afora (Oliver, 2011; Kubatko et al, 2007). Estas variáveis fornecem um panorama sobre o ocorrido durante uma partida, por meio de frequências tanto individuais de cada jogador quanto coletivas, como por exemplo o número de pontos de contra-ataque de uma equipe. Para análises dos comportamentos táticos, Lamas e colaboradores (Lamas et al., 2011) apresentaram as variáveis dinâmicas de criação de espaço (DCEs), que são comportamentos ofensivos dos jogadores visando criar uma situação favorável para finalizar e pontuar no basquete.

A análise de redes sociais de interação oferece um panorama sobre o estilo de jogo de uma equipe, além de indicar a importância de cada jogador individualmente para a equipe, como explicam Bai e Bai (2022). Os autores apontam que a análise das redes de passe enfatiza e possibilita o entendimento da performance individual e coletiva, identificando os jogadores mais ativos e presentes, além dos espaços da quadra mais frequentados, também oferecendo melhor entendimento sobre as dinâmicas da equipe. Uma equipe com nós de tamanho uniforme e números semelhantes de arestas que chegam/partem do nó indica menor previsibilidade no caminho que a bola fará durante as posses.

Dessa forma, o presente projeto possui a relevância mencionada de contribuir para o entendimento aprofundado sobre como equipes brasileiras obtiveram sucesso a nível mundial, em sua essencialidade tático-técnica circunscrita a um tempo da história do esporte do século XX. Além disso, é interessante constatar o protagonismo de alguns brasileiros tais como Carioquinha, Pipoka e o expoente por décadas de nosso basquetebol – Oscar Schmidt, o Mão Santa. Oscar iniciou seus passos no basquetebol no Plano Piloto da capital federal do Brasil, no simbólico Clube de Vizinhança Número 1, na Super Quadra Sul 109.

Para a área de educação física, é fundamental complementar a documentação histórica em seus aspectos mais subjetivos aprofundando o entendimento sobre como as grandes conquistas foram logradas em termos da essência do que o jogo de basquetebol impõe para que a vitória seja alcançada. É preciso compreender os méritos inerentes ao desempenho, datados historicamente, logo, pertencentes ao basquetebol daquela época, com suas idiosincrasias tal como quaisquer outros costumes e padrões de comportamento sociais. Eis o mérito das pesquisas históricas na temática do desempenho no esporte. Dessa forma, o que motiva esta pesquisa é o fato de existirem diversas produções jornalísticas acerca das principais conquistas do basquete brasileiro no cenário mundial, mas com profunda escassez de evidências científicas que embasem a discussão do assunto. Espera-se que os achados contribuam para a documentação histórica do nosso esporte e formação dos futuros treinadores brasileiros.

2. Objetivo

O objetivo principal desta pesquisa é realizar a documentação das principais conquistas do basquetebol brasileiro por meio de análises com metodologias contemporâneas ligadas a variáveis discretas e dinâmicas de desempenho tático-técnicas para adicionar à explicação sobre o sucesso desportivo alcançado.

O objetivo específico é avaliar a existência de padrões táticos próprios a cada uma dessas equipes e que as épocas de cada conquista revelem também particularidades históricas do basquetebol praticado naquela época.

3. Métodos

3.1. Desenho do estudo

A presente pesquisa teve caráter transversal, observacional, realizada por meio de análise notacional. Jogos pré-definidos, diante de sua importância histórica, foram analisados por meio de variáveis com validade documentada para descrever o conteúdo tático-técnico manifestado pelas equipes na partida.

3.2 Amostra

Foram analisadas as seguintes partidas: a partida final do mundial masculino de clubes de 1981 (E.C. Sírio x Real Madrid); a partida final do campeonato Pan-americano masculino de 1987 (Brasil x EUA); a partida final do mundial masculino de clubes de 1985 (C.A. Monte Líbano x Barcelona); a partida final do campeonato Pan-americano feminino de 1991 (Brasil x Cuba); e as partidas semifinal e final do mundial feminino de seleções de 1994 (Brasil x EUA; Brasil x China). A coleta de dados de cada partida foi realizada por meio do vídeo completo, disponível na plataforma do YouTube.

3.3 Procedimentos

Os dados foram coletados por um treinador de basquetebol com experiência de três anos em análise de jogos no alto rendimento. Foi utilizado o software FIBA LiveStats, programa que na época era empregado para gerar as estatísticas em tempo real das partidas de basquete na Liga Nacional de Basquetebol Brasileira. Após a coleta de todos os vídeos completos disponíveis, ocorreu a análise dos jogos. Os resultados foram expostos por jogo.

A análise dos jogos será conduzida por um avaliador principal e um assistente. Cada partida será analisada separadamente utilizando todas as posses de bola da equipe. O avaliador principal será responsável por analisar as seguintes variáveis de cada posse de bola: tipo de ataque, tipo de defesa, DCEs (Lamas et al., 2015; Lamas et al., 2011). São os tipos de ataque: posicionado (todos os jogadores, ofensivos e defensivos, estão posicionados dentro da meia-quadra ofensiva), contra-ataque (superioridade numérica do ataque na meia-quadra ofensiva contra uma defesa ainda não posicionada) e inexistente (situações nas quais o time de ataque perdeu a posse de bola antes da execução de uma DCE para a finalização). São os tipos de defesa: individual (cada defensor se responsabiliza por guardar um atacante) e zona (cada defensor é responsável por uma área dentro da quadra defensiva). O avaliador assistente será responsável por identificar em todas as posses de bola: resultado da posse de bola (arremesso, perda de bola, falta); presença ou ausência de assistência no ataque.

3.4 Análise de dados

Foi realizada a análise descritiva das variáveis discretas e dinâmicas coletadas das partidas.

3.4.1 Análise discreta por Box score

Variáveis apresentadas em box score são dados numéricos coletados a partir de ações visíveis durante o jogo. São os dados de box score: minutagem, pontos (soma de arremessos convertidos de 2 pontos, 3 pontos e lances livres), rebotes (soma entre rebotes ofensivos e defensivos), assistências, tocos, roubos de bola, erros com perda de posse (turnovers), faltas (recebidas e cometidas), plus/minus (diferença na pontuação entre as equipes durante o tempo de cada jogador na quadra, um número positivo indica que a equipe fez mais pontos que sofreu enquanto o jogador estava atuando, enquanto um número negativo indica que a equipe sofreu mais pontos no mesmo período).

A análise dos dados de box score oferece um panorama da apresentação individual/coletivo de cada equipe, indicando possíveis desempenhos chamativos positivos ou negativos. É considerada uma análise discreta por não revelar os meios nos quais performances durante o jogo aconteceram, mas sim apontar dados que se destacam dentre todos jogadores, além de oferecer informações de pontos após erros adversários, pontos na área pintada (garrafão), pontos após rebotes ofensivos, pontos de contra-ataque, pontos de jogadores vindos do banco, maior liderança de pontos de cada equipe, maior sequência de pontos seguidos, número de vezes que a liderança no placar alternou, número de vezes que a partida esteve empatada e tempo na liderança de cada equipe.

3.4.2 Análise de redes sociais de interação

Bai e Bai (2022) listam diferentes indicadores para determinar a importância dos nós dentro de uma rede de interações sociais. Neste trabalho, utilizaremos o indicador de centralidade de grau para determinar a relevância de cada jogador dentro dos grafos de redes sociais. A centralidade de grau é a quantidade de conexões diretas que cada jogador tem. Jogadores com alta centralidade de grau são aqueles que participam frequentemente nas interações (passando ou recebendo a bola). A Centralidade de grau pode ser visualizada pelo tamanho do nó e quantidade de arestas que chegam/partem do nó.

3.4.3 Dinâmicas de criação de espaço

As dinâmicas de criação de espaço (DCEs) (Lamas et al., 2011) são ações individuais, de grupo e/ou coletivas realizadas durante a fase ofensiva do basquetebol com o objetivo de manipular o espaço de jogo para gerar oportunidades para pontuar. São as DCEs: desmarque com bola com drible (bd), desmarque com bola sem drible (bnd), isolamento no perímetro (iso), isolamento interior (postup), desmarque sem bola (wb), bloqueio direto (pick), bloqueio indireto (screen), mão a mão (handoff), spot-up (ação no qual o jogador procura espaço vazio no perímetro para arremessar) e dime-in (similar ao spot-up, porém o jogador procura espaço próximo à cesta para arremessar).

As DCEs realizadas durante uma partida geram possíveis resultados, sendo eles: arremesso livre, arremesso contestado, reset (reinício do ataque com nova jogada), falta, perda da posse de bola (turnover) ou nova DCE. Os gráficos também mostrarão colunas sem DCEs, representando as ações ofensivas que geraram resultados não oriundos de uma DCE, como por exemplo um tapa na bola para pontuar próximo ao aro após um rebote ofensivo.

4. Resultados

Jogo 1 – Cuba x Brasil – Final Pan-Americano Feminino 1991

Figura 1 - Box Score Cuba x Brasil – Final Pan-Americano Feminino 1991

Técnico:
Assistente(s) Técnico(s):

CUBA (CUB)

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR			
*4	.BORRELL (C)	31:59	5/8	62,5	5/8	62,5	0/0	0,0	1/2	50,0	0	6	6	0	5	0	1	2	4	-28	9	11
5	..	17:00	0/3	0,0	0/1	0,0	0/2	0,0	0/2	0,0	1	2	3	2	1	1	0	0	1	-11	0	0
6	..	03:52	1/1	100,0	1/1	100,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	2
7	..	NJ																				
8	..	14:11	1/6	16,7	1/6	16,7	0/0	0,0	1/2	50,0	0	2	2	2	2	0	0	0	2	-12	-1	3
9	..	NJ																				
*10	.LEON	31:25	7/8	87,5	5/6	83,3	2/2	100,0	2/2	100,0	1	1	2	1	1	1	0	5	1	-18	20	18
*11	.MARTINEZ	22:06	1/5	20,0	1/5	20,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1	1	2	2	1	0	0	2	1	-4	1	2
*12	.HENRY	28:07	9/15	60,0	9/15	60,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1	1	2	2	1	0	0	2	1	-10	15	18
13	..	NJ																				
*14	.HERNANDEZ	27:38	5/14	35,7	4/11	36,4	1/3	33,3	1/1	100,0	2	1	3	3	3	4	0	3	2	-14	10	12
15	..	23:42	5/7	71,4	5/7	71,4	0/0	0,0	0/0	0,0	2	3	5	2	1	1	1	2	1	-10	16	10
Equipe/Técnico											1	5	6		2			0				
Totais		200:00	34/67	50,7	31/60	51,7	3/7	42,9	5/9	55,6	9	22	31	14	17	7	2	16	13	-21	76	76

Técnico: MARIÁ HELENA CARDOSO (BRA)
Assistente(s) Técnico(s):

BRASIL (BRA)

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR			
*4	.HORTENCIA MARCARI (C)	37:15	11/18	61,1	10/15	66,7	1/3	33,3	7/8	87,5	0	4	4	8	3	1	0	3	7	19	32	30
5	..	NJ																				
6	.NÁDIA	07:31	0/1	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	-2	0	0
7	..	NJ																				
*8	.PAULADA SILVA	38:13	9/15	60,0	5/10	50,0	4/5	80,0	2/2	100,0	1	2	3	8	3	4	0	3	1	26	30	24
*9	.JANETH ARCAN	38:23	11/15	73,3	11/15	73,3	0/0	0,0	3/3	100,0	1	5	6	2	2	1	0	0	3	22	26	25
10	..	NJ																				
*11	.MARTA SOBRAL	37:53	7/12	58,3	7/11	63,6	0/1	0,0	0/0	0,0	0	8	8	2	4	1	0	3	2	29	16	14
*12	.RUTH DE SOUZA	32:36	1/2	50,0	1/2	50,0	0/0	0,0	2/4	50,0	2	2	4	0	1	1	0	4	2	12	5	4
13	..	NJ																				
14	.JOYCENARA BATISTA	07:24	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-3	0	0
15	.SIMONE	02:45	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/2	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	-2	0
Equipe/Técnico											1	4	5		2			0				
Totais		200:00	39/63	61,9	34/54	63,0	5/9	55,6	14/19	73,7	5	25	30	21	15	8	0	13	16	21	112	97

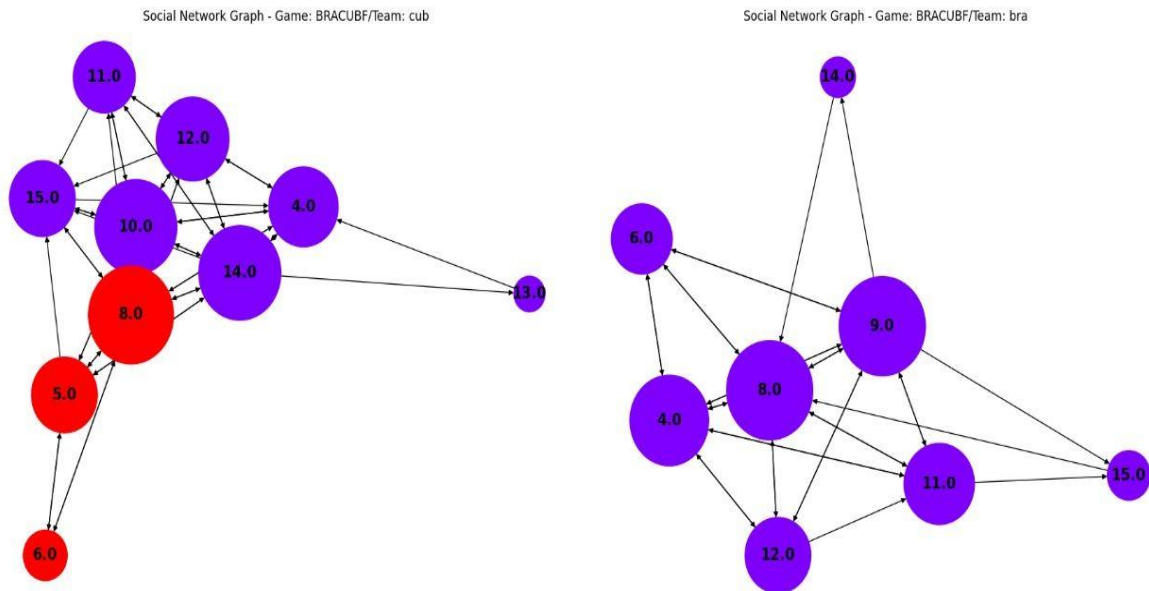
	CUB	BRA
Pontos de Erros	13	24
Pontos no Garrafão	36 (18/22) 81,8	36 (18/30) 60,0
Pontos de Segunda Chance	13	5
Pontos de Contra-ataque	14	23
Pontos do Banco	15	0

	CUB	BRA
Maior Liderança	7 (38-31)	25 (72-97)
Maior Sequência de Pontos	8 (26-22)	11 (62-70)
Mudanças na Liderança		11
Vezeas Empatadas		11
Tempo na Liderança	08:08	24:55

Fonte: Autor do texto

A figura 1 revela que a seleção brasileira campeã do Pan-Americano de 1991 teve diferentes peças chaves. Na categoria pontuação, Hortência (30), Paula (24) e Janeth (25) foram responsáveis por aproximadamente três quartos da pontuação geral da equipe, sendo que Paula e Hortência também distribuíram 8 assistências cada. Por outro lado, os 30 rebotes foram coletados de forma distribuída, sendo Marta Sobral (8) o destaque na categoria. Paula também foi responsável por metade dos roubos de bola da equipe (4). A minutagem da equipe esteve concentrada nas titulares, todas jogaram acima de 30 minutos na partida.

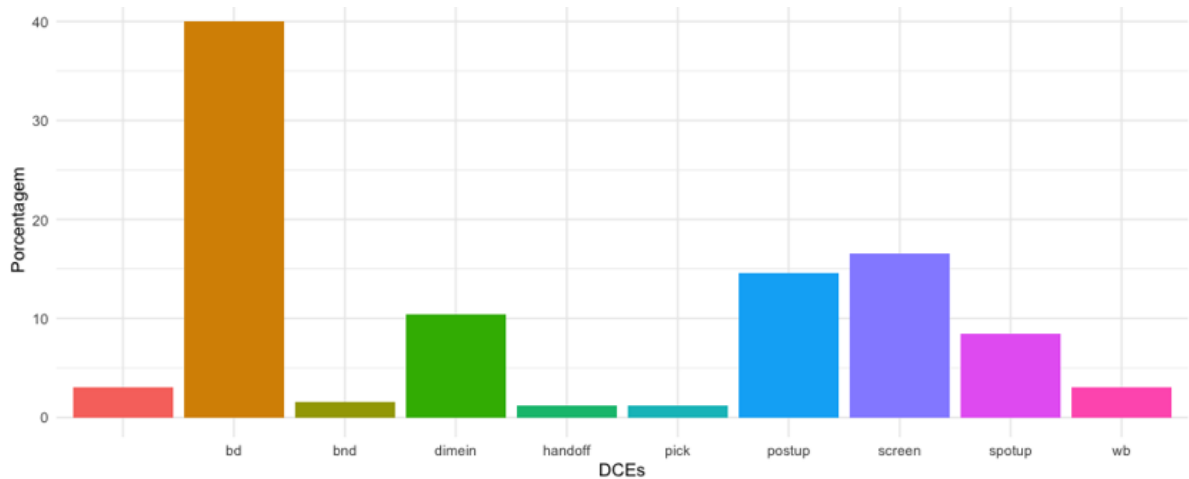
Figura 2 - Rede de interações sociais Cuba x Brasil – Final Pan-Americano Feminino 1991



Fonte: Autor do texto

Em relação a variável de interações sociais, o grafo lado direito aponta que as ações ofensivas da seleção brasileira feminina foram centradas em Hortência (#4), Paula (#8) e Janeth (#9). As jogadoras Nádia (#6), Marta Sobral (#11) e Ruth de Souza (#12) tiveram participação média na posse de bola da equipe, e as jogadoras Joycenara Batista (#14) e Simone (#15) influenciaram pouco o movimento de bola no ataque, tendo menor participação. Pelo grafo, Paula foi o centro das ações ofensivas, sendo destino de passe de todas as jogadoras da equipe.

Em comparação com a equipe cubana, a seleção brasileira centrou as ações em menos jogadoras, enquanto a seleção adversária teve, como observado no grafo do lado esquerdo, alta dispersão nas ações ofensivas, apresentando uma rede de interações sociais com maior número de nós de tamanho uniforme e maior complexidade das arestas. Pelo grafo, o ataque da seleção cubana foi menos previsível, visto que mais jogadoras foram acionadas durante as posses e a bola não circulou de forma óbvia, podendo cada passe ter diferentes destinos.



Fonte: Autor do texto

O gráfico 1 mostra as ações táticas ofensivas da seleção brasileira. O gráfico revela alta utilização de desmarque com drible com bola como principal dinâmica de criação de espaço. Estratégias com o uso de bloqueios indiretos, isolamento interior, spot-up e dime-in foram utilizadas em menor quantidade, enquanto as dinâmicas de desmarque com drible sem bola, mão a mão, bloqueio direto e desmarque sem bola foram pouco utilizadas.

A alta utilização de desmarque com drible com bola indica que a tática da equipe brasileira para o setor ofensivo foi baseada no talento individual das jogadoras, não necessariamente utilizando do coletivo para achar espaços para arremessar ou criar vantagem para realização de uma nova DCE.

Jogo 2 – EUA x Brasil – Semifinal Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Figura 3 – Box Score EUA x Brasil – Semifinal Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Técnico: TARA WUNDERMEER

ESTADOS UNIDOS (EUA)

Assistente(s) Técnico(s):

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR			
*4	TERESA EDWARDS	28:53	6/17	35,3	3/11	27,3	3/6	50,0	2/4	50,0	4	1	5	1	0	1	0	4	3	3	11	17
5	DAWN STALEY	28:07	6/9	66,7	6/7	85,7	0/2	0,0	2/2	100,0	1	1	2	10	2	1	0	4	2	-2	22	14
6	ALICE BOLTON	16:16	6/11	54,5	3/6	50,0	3/5	60,0	0/0	0,0	2	1	3	1	0	0	0	3	0	-1	14	15
7	SHERYL SWOOPES	13:31	2/4	50,0	1/3	33,3	1/1	100,0	0/0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	-8	3	5
*8	JENNIFER AZZI	13:41	1/5	20,0	0/1	0,0	1/4	25,0	0/0	0,0	0	0	0	5	1	0	0	2	0	0	3	3
9	LISA LESLIE	13:22	0/6	0,0	0/5	0,0	0/1	0,0	3/4	75,0	1	0	1	1	0	0	2	2	3	-2	0	3
10	CARLA MCGHEE	04:09	0/1	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	1/2	50,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-1	1
*11	ANDREA LLOYD-COLETTI (C)	22:17	3/8	37,5	2/3	66,7	1/5	20,0	4/4	100,0	0	0	0	4	1	2	0	3	3	10	11	11
*12	KATRINA MCCLAIN	37:29	13/18	72,2	13/18	72,2	0/0	0,0	3/4	75,0	8	11	19	2	3	1	1	3	8	-6	43	29
13	KARA WOLTERS	NJ																				
14	DENA HEAD	NJ																				
*15	DAEDRA CHARLES	22:15	3/7	42,9	3/7	42,9	0/0	0,0	3/3	100,0	1	5	6	1	2	0	0	3	3	-8	10	9
Equipe/Técnico											4	1	5				0					
Totais		200:00	40/86	46,5	31/62	50,0	9/24	37,5	18/23	78,3	21	20	41	25	9	5	3	25	22	-3	121	107

Técnico: MIGUEL ÂNGELO DALLUZ (BRA)

BRASIL (BRA)

Assistente(s) Técnico(s):

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR			
*4	HORTÊNCIA (C)	39:45	13/23	56,5	12/22	54,5	1/1	100,0	5/5	100,0	1	1	2	4	4	1	1	2	5	1	26	32
5	HELEN	NJ																				
6	ADRIANA	NJ																				
7	LEILA SOBRAL	16:47	5/9	55,6	5/9	55,6	0/0	0,0	3/6	50,0	4	4	8	0	1	2	0	4	3	4	15	13
*8	PAULA	40:00	6/9	66,7	4/6	66,7	2/3	66,7	15/19	78,9	1	4	5	6	1	1	0	3	10	3	33	29
*9	JANETH	30:02	10/13	76,9	10/13	76,9	0/0	0,0	4/6	66,7	0	6	6	2	3	1	0	3	3	6	25	24
10	ROSELI	07:11	1/3	33,3	1/2	50,0	0/1	0,0	1/2	50,0	0	0	0	2	0	0	0	2	1	-6	2	3
11	SIMONE	NJ																				
*12	RUTH	21:12	3/3	100,0	3/3	100,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	5	5	0	0	0	0	2	0	1	11	6
*13	ALESSANDRA	33:34	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	1	1	0	0	0	0	4	2	2	1	0
14	CINTIATUIU	11:29	1/2	50,0	1/2	50,0	0/0	0,0	1/1	100,0	1	1	2	1	1	0	0	2	1	4	4	3
15	DALILA	NJ																				
Equipe/Técnico											1	6	7				0					
Totais		200:00	39/62	62,9	36/57	63,2	3/5	60,0	29/39	74,4	8	28	36	15	10	5	1	22	25	3	124	110

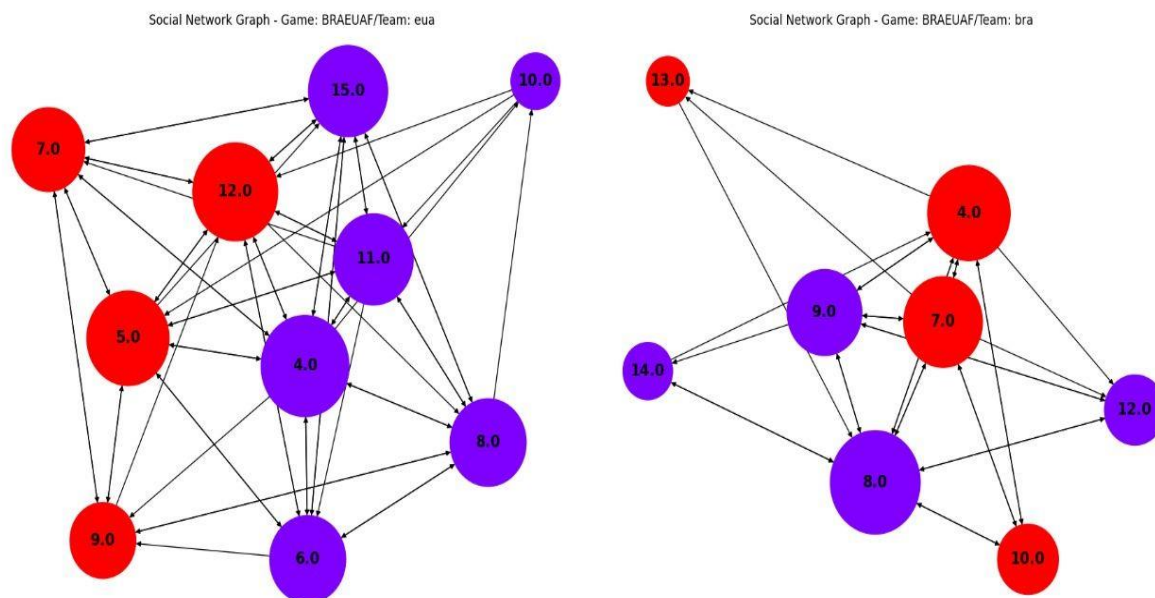
	EUA	BRA
Pontos de Erros	12	10
Pontos no Garrafão	50 (25/44) 56,8	48 (24/28) 85,7
Pontos de Segunda Chance	25	9
Pontos de Contra-ataque	22	20
Pontos do Banco	38	19

	EUA	BRA
Maior Liderança	3 (5-2)	10 (40-50)
Maior Sequência de Pontos	6 (52-55)	6 (27-35)
Mudanças na Liderança	14	
Veze Empatadas	7	
Tempo na Liderança	02:58	34:45

Fonte: Autor do texto

Mantendo a base de 1991, a seleção feminina do mundial de 1994 acionou o mesmo trio ofensivo para derrotar a seleção americana. Mais de dois terços dos pontos da equipe foram feitos por Hortência (32), Janeth (24) e Paula (29). Seguindo a linha, boa parte das assistências foram performadas por Hortência (4) e Paula (6), e os rebotes, assim como em 1991, também foram bem distribuídos dentro da equipe. Um dado que chama a atenção é o número de faltas que Paula sofreu (10), recebendo a oportunidade de arremessar 19 lances de bonificação.

Figura 4 – Rede de interações sociais EUA x Brasil – Semifinal Mundial Feminino de Basquetebol 1994

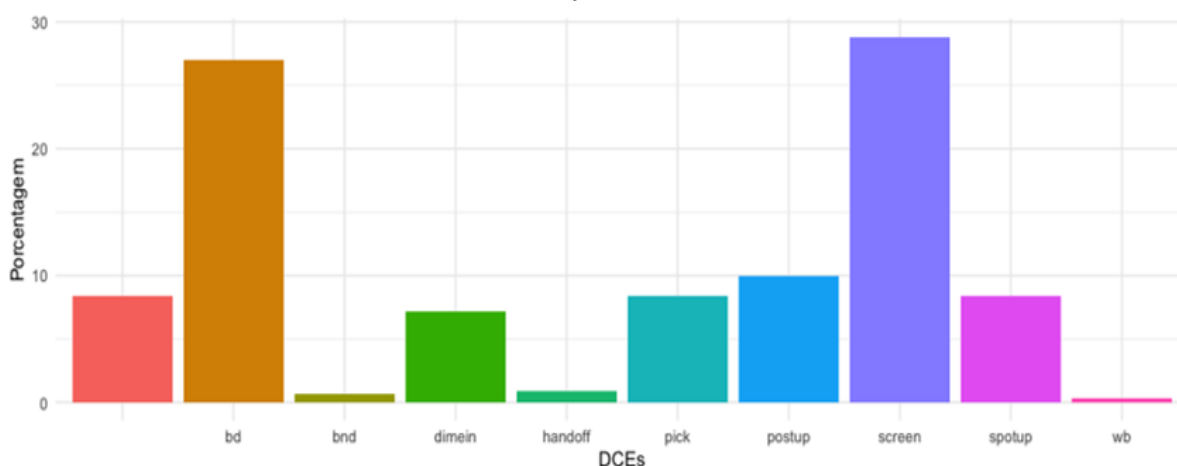


Fonte: Autor do texto

O grafo da direita mostra as interações sociais da seleção brasileira. A figura mostrou alto grau de centralidade na jogadora Paula (#8), com relevantes participações de Hortência (#4), Leila Sobral (#7) e Janeth (#9). Em menor escala, Roseli (#10), Cintia Tuiú (#14), Ruth (#12) e Alessandra (#13) também tiveram influência nas ações ofensivas.

Em comparação com a seleção americana, que teve um número superior de nós e arestas ligando as jogadoras, o ataque da seleção brasileira foi menos complexo, utilizando de menos jogadoras com a bola em mãos para atacar, enquanto o grafo da equipe americana aponta para uma maior complexidade ofensiva, dificultando prever qual jogadora estará com a bola na mão e qual o destino da bola em cada posse.

Gráfico 2 – Dinâmicas de criação de espaço do Brasil - EUA x Brasil – Semifinal Mundial Feminino de Basquetebol 1994



Fonte: Autor do texto

A tática ofensiva da seleção brasileira foi baseada em duas principais dinâmicas de criação de espaço: bloqueios indiretos e desmarque com bola com drible. Também utilizadas, porém em menor escala, ações com bloqueio diretos, isolamentos no interior, dime-in e spot-up também foram parte do ataque da equipe. O gráfico também mostra um considerável número de ações ofensivas não baseadas em DCEs, além de indicar baixo uso de desmarques com bola sem drible, mão a mão e desmarque sem bola. O gráfico 2 aponta um ataque equilibrado entre ações individuais (desmarque com bola com drible) e ações coletivas (bloqueios indiretos).

Jogo 3 – Brasil x China – Final Mundial Feminino de Basquetebol 1994

Figura 5 – Box Score Brasil x China – Final Mundial Feminino de Basquetebol 1994

BRASIL (BRA)															Técnico: MIGUEL ÂNGELO DALLUZ (BRA)									
Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS		
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR					
*4	HORTÊNCIA. (C)	37:37	7/17	41,2	7/15	46,7	0/2	0,0	13/14	92,9	0	3	3	2	0	1	1	3	11	6	23	27		
5	HELEN.	07:31	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	-2	0	0		
6	ADRIANA.	NJ																						
7	LEILA SOBRAL	26:00	5/8	62,5	5/8	62,5	0/0	0,0	4/4	100,0	4	1	5	4	1	2	0	4	3	4	21	14		
*8	PAULA.	34:52	5/13	38,5	2/7	28,6	3/6	50,0	4/4	100,0	2	0	2	8	3	1	0	2	2	14	17	17		
*9	JANETH.	40:00	10/13	76,9	10/12	83,3	0/1	0,0	0/0	0,0	1	5	6	3	3	1	0	0	3	9	24	20		
10	ROSELI.	NJ																						
11	SIMONE.	NJ																						
*12	RUTH.	14:00	1/2	50,0	1/2	50,0	0/0	0,0	2/2	100,0	0	3	3	0	0	0	0	1	1	5	6	4		
*13	ALESSANDRA.	23:14	4/4	100,0	4/4	100,0	0/0	0,0	2/3	66,7	3	2	5	0	0	1	0	4	2	-3	15	10		
14	CINTIA TUIÚ	16:46	2/5	40,0	2/5	40,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	2	2	0	1	1	0	0	12	4	4	4		
15	DALILA.	NJ																						
Equipe/Técnico											1	1	2					0						
Totais		200:00	34/62	54,8	31/53	58,5	3/9	33,3	25/27	92,6	11	17	28	17	9	8	2	15	23	9	112	96		

CHINA (CHN)															Técnico: DAOHONG CHEN (CHN)									
Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS		
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR					
4	HE JUN (C)	NJ																						
5	LI XIN	18:43	1/5	20,0	0/3	0,0	1/2	50,0	0/0	0,0	0	1	1	5	0	1	0	4	2	0	6	3		
*6	LIU JUN	19:04	2/5	40,0	0/2	0,0	2/3	66,7	1/2	50,0	0	0	0	2	1	0	0	4	1	1	4	7		
*7	WANG FANG	27:38	6/10	60,0	2/6	33,3	4/4	100,0	1/1	100,0	1	0	1	3	0	0	0	0	1	-20	17	17		
*8	ZHENG DONGMEI	29:44	3/6	50,0	1/1	100,0	2/5	40,0	0/0	0,0	0	2	2	3	4	0	0	1	-17	6	8	8		
9	WEI ZHENG	NJ																						
10	WEIJUAN ZHANG	03:59	2/2	100,0	2/2	100,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	3	0	0	3	0	2	1	4		
*11	ZHENG HAXIA	39:54	12/15	80,0	12/15	80,0	0/0	0,0	3/3	100,0	2	10	12	1	7	0	1	2	4	-10	31	27		
12	SUN YING	08:40	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1	0	1	2	0	0	0	2	2	7	3	0		
*13	LI DONGMEI	24:03	2/5	40,0	2/5	40,0	0/0	0,0	2/2	100,0	0	2	2	2	1	0	0	2	1	-17	6	6		
14	MA ZHONGQING	16:11	6/7	85,7	4/5	80,0	2/2	100,0	1/2	50,0	0	1	1	1	0	1	0	5	2	2	16	15		
15	XIN LIANG	12:04	0/2	0,0	0/0	0,0	0/2	0,0	0/0	0,0	1	1	2	3	1	0	0	1	1	7	2	0		
Equipe/Técnico											2	1	3					0						
Totais		200:00	34/57	59,6	23/39	59,0	11/18	61,1	8/10	80,0	7	18	25	22	17	2	1	23	15	-9	95	87		

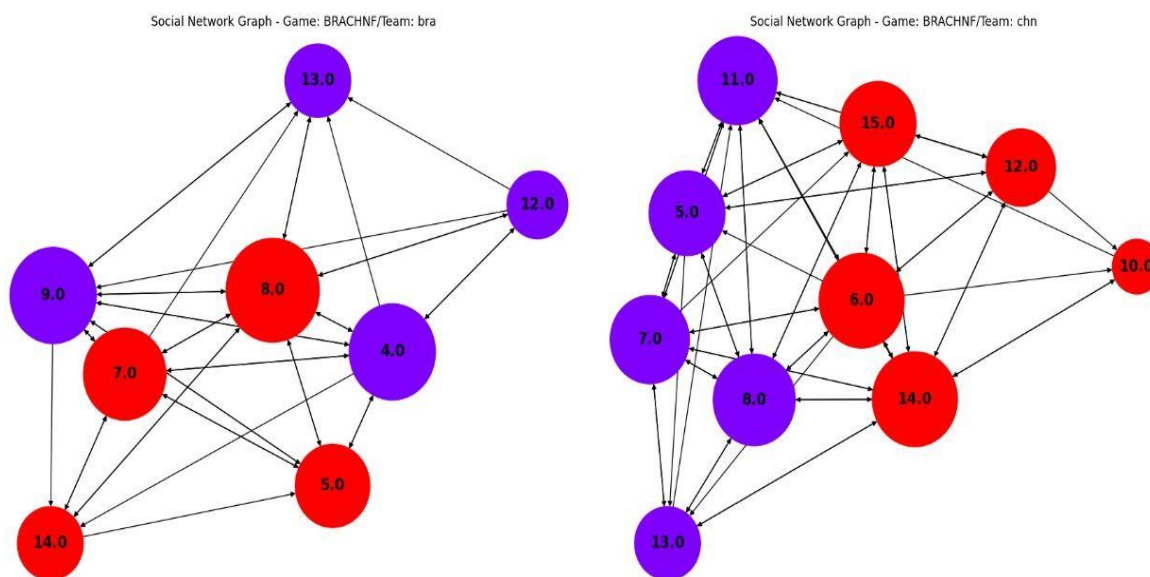
	BRA	CHN
Pontos de Erros	21	10
Pontos no Garrafão	52 (26/38) 68,4	40 (20/26) 76,9
Pontos de Segunda Chance	9	11
Pontos de Contra-ataque	23	7
Pontos do Banco	18	22

	BRA	CHN
Maior Liderança	19 (63-44)	2 (24-26)
Maior Sequência de Pontos	11 (17-7)	8 (63-52)
Mudanças na Liderança	5	
Vezeas Empatadas	2	
Tempo na Liderança	38:09	00:27

Fonte: Autor do texto

De forma parecida com a semifinal do mundial de 94, a equipe brasileira teve Hortência (27), Paula (17) e Janeth (20) como destaques na pontuação, porém nesta partida Leila Sobral (14) também contribuiu de forma significativa para os 96 pontos totais. Apesar de pontuar menos que o normal nesta partida, Paula (8) manteve uma média de assistências alta. Os rebotes se mantiveram distribuídos dentre o coletivo brasileiro, porém desta vez a jogadora que mais sofreu faltas foi Hortência. A craque brasileira sofreu 11 faltas, cobrando 14 lances livres durante a partida que entregou o título para a seleção.

Figura 6 – Rede de interações sociais Brasil x China – Final Mundial Feminino de Basquetebol 1994

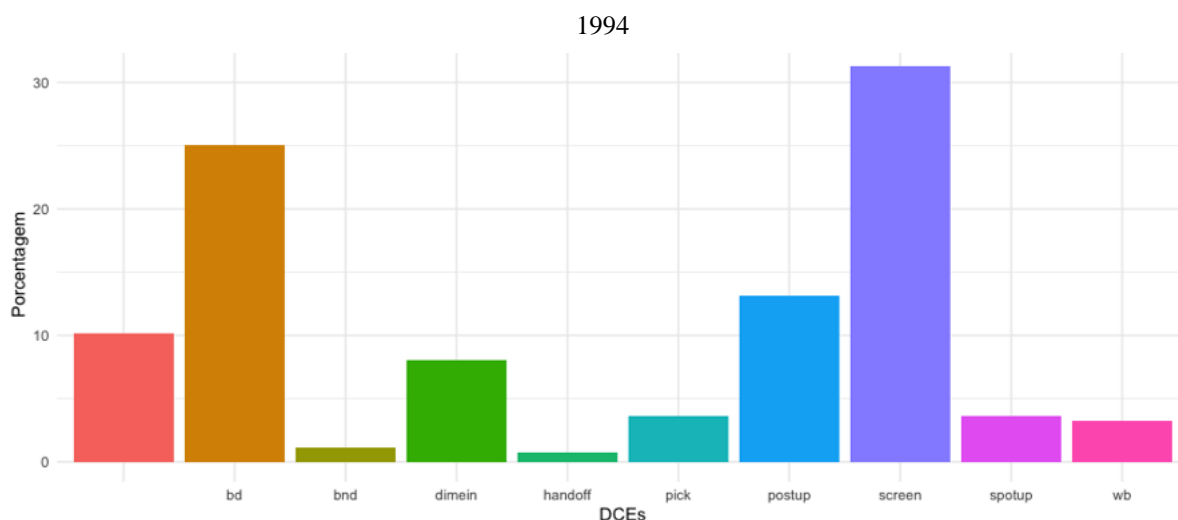


Fonte: Autor do texto

Diferente da semifinal do mesmo mundial, o grafo da esquerda mostra que a performou com maior complexidade a distribuição dos passes no jogo válido pela medalha de ouro. A jogadora Paula (#8) se manteve como centro das ações ofensivas, agora acompanhada em proporções iguais por Hortêncina (#4), Janeth (#9) e Leila Sobral (#7). As jogadoras Helen (#5), Ruth (#12), Alessandra (#13) e Cintia Tuiú (#14) foram presentes na manutenção da posse de bola em menor escala.

Apesar de mostrar uma maior complexidade da rede em comparação com a semifinal, a equipe brasileira ainda foi mais previsível que a equipe adversária. A seleção chinesa apoiou seu ataque em oito jogadoras principais, além de duas coadjuvantes. A descentralização da bola por parte da seleção chinesa, como mostrado no grafo, indica que mais jogadoras tiveram a bola em mãos, dificultando a identificação de padrões ofensivos quanto origem e destino da bola durante as posses.

Gráfico 3 – Dinâmicas de criação de espaço do Brasil - Brasil x China – Final Mundial Feminino de Basquetebol



Fonte: Autor do texto

As ações ofensivas da equipe brasileira foram taticamente semelhantes ao jogo da semifinal, como mostra a gráfico 3. A alta execução de bloqueios indiretos e desmarques com bola com drible indica equilíbrio entre ações individuais (desmarques com bola com drible) e ações coletivas (bloqueios indiretos). Outras DCEs como dime-ins e isolamentos no interior ocorreram de forma constante, enquanto bloqueios diretos, spot-ups e desmarques com bola de forma ocasional. Desmarques com bola sem drible e mão a mão praticamente não foram feitos, entretanto um elevado número de ações ofensivas com resultados expressivos, porém sem utilização de DCEs foi indicado no gráfico.

Jogo 4 – Ponte Preta/Nossa Caixa x Basket Parma – Mundial Interclubes Feminino 1993

Figura 7 – Box Score Ponte Preta/Nossa Caixa x Basket Parma – Mundial Interclubes Feminino 1993

Técnico: Maria Helena Cardoso (BRA)

PONTE PRETA/NOSSA CAIXA (PRE)

Assistente(s) Técnico(s):

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS	
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR				
*4	. PAULA(C)	37:25	3/10	30,0	2/5	40,0	1/5	20,0	4/4	100,0	2	7	9	9	2	3	1	2	3	17	24	11	
5	. HELEN	01:37	1/1	100,0	0/0	0,0	1/1	100,0	0/0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-1	3	3	
8	. NÁDIA	26:01	2/6	33,3	2/6	33,3	0/0	0,0	2/2	100,0	0	0	0	5	2	1	0	2	1	17	6	6	
9	. CLÁUDIA	08:15	2/4	50,0	1/1	100,0	1/3	33,3	0/0	0,0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	8	4	5	
*10	. ROGELI	17:39	4/5	80,0	4/4	100,0	0/1	0,0	0/0	0,0	1	1	2	1	0	3	0	1	0	3	13	8	
11	. RUTH	05:07	2/3	66,7	2/3	66,7	0/0	0,0	0/0	0,0	1	1	2	0	1	0	0	1	0	8	4	4	
*13	. KARINA	37:20	11/14	78,6	11/14	78,6	0/0	0,0	12/15	80,0	3	4	7	0	7	1	0	2	10	10	29	34	
*15	. ELENA	37:33	6/8	75,0	6/8	75,0	0/0	0,0	3/6	50,0	5	5	10	1	1	1	1	3	4	14	22	15	
*44	. HORTENCIA	29:03	7/13	53,8	6/10	60,0	1/3	33,3	1/1	100,0	2	4	6	1	5	0	0	2	3	4	12	16	
Equipe/Técnico											1	1	2		1			0					
Totais			200:00	38/64	59,4	34/51	66,7	4/13	30,8	22/28	78,6	15	24	39	17	19	9	2	13	21	16	118	102

Técnico:

PRIMIZIE BASKET PARMA (PAR)

Assistente(s) Técnico(s):

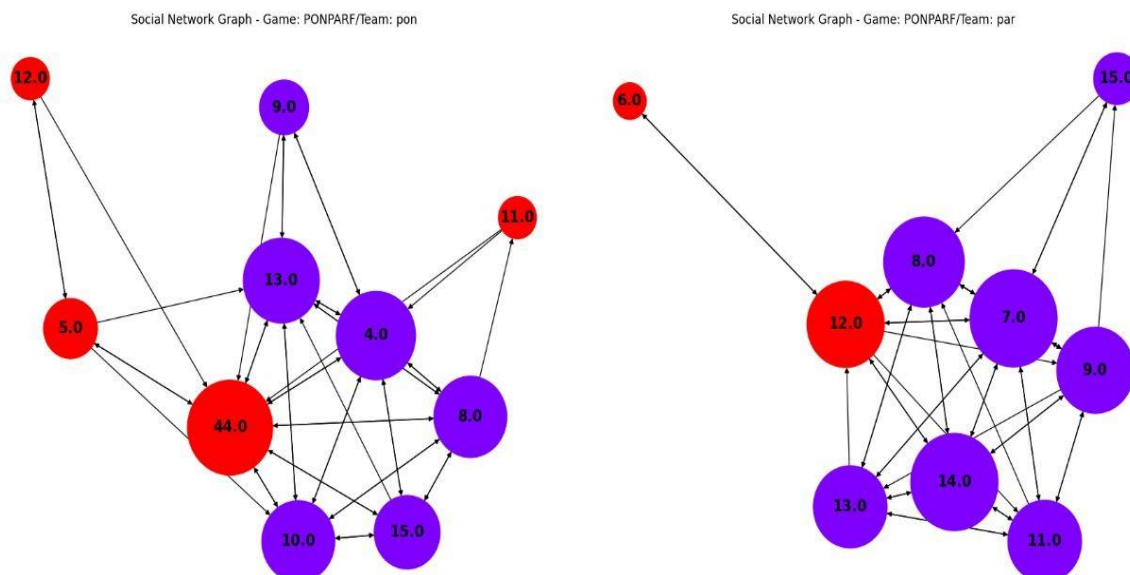
Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS	
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR				
6	. MONICA	03:03	0/1	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	-2	-1	0	
*7	..	33:02	5/11	45,5	5/11	45,5	0/0	0,0	0/0	0,0	3	3	6	2	0	2	0	2	0	-16	14	10	
*8	. PADOVANI	30:16	5/11	45,5	3/6	50,0	2/5	40,0	2/2	100,0	0	3	3	4	2	1	0	3	2	-14	14	14	
*9	. FRANCESCA(C)	27:39	7/10	70,0	7/10	70,0	0/0	0,0	0/0	0,0	3	2	5	2	2	0	0	4	2	1	16	14	
10	..	NJ																					
11	. SIMONA	15:02	1/3	33,3	1/3	33,3	0/0	0,0	0/0	0,0	0	1	1	3	0	0	0	1	0	4	4	2	
12	. LORENZA	13:43	1/2	50,0	0/0	0,0	1/2	50,0	0/0	0,0	0	0	0	0	3	0	0	2	0	-21	-1	3	
13	. STEFANIA	16:21	0/4	0,0	0/2	0,0	0/2	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	-15	-5	0	
*14	. CINTIA	37:09	14/27	51,9	13/22	59,1	1/5	20,0	6/7	85,7	2	1	3	4	5	0	0	1	6	-14	23	35	
*15	. VENUS	23:45	3/4	75,0	3/4	75,0	0/0	0,0	2/2	100,0	2	3	5	1	2	0	0	4	3	-3	11	8	
Equipe/Técnico											3	2	5		1			0					
Totais			200:00	36/73	49,3	32/59	54,2	4/14	28,6	10/11	90,9	13	15	28	16	16	3	0	21	13	-16	79	86

	PRE	PAR		PRE	PAR
Pontos de Erros	25	21	Maior Liderança	18 (60-42)	1 (29-30)
Pontos no Garrafão	58 (29/40) 72,5	44 (22/38) 57,9	Maior Sequência de Pontos	12 (41-30)	10 (75-69)
Pontos de Segunda Chance	9	15	Mudanças na Liderança	3	
Pontos de Contra-ataque	26	6	Vezes Empatadas	3	
Pontos do Banco	18	5	Tempo na Liderança	38:47	00:17

Fonte: Autor do texto

Em relação a equipe da Ponte Preta/Nossa Caixa, a pivô argentina Karina apresentou um desempenho extraordinário para conquistar o título em cima da equipe italiana. Responsável por coletar 10 rebotes e anotar 34 pontos dos 102 feitos pela equipe, a pivô teve o maior volume de arremessos da equipe. Outras jogadoras que contribuíram de forma significativa para o placar foram Elena (15), Hortência (16) e Paula (11), que também teve uma apresentação formidável sendo responsável por coletar 9 rebotes e distribuindo 9 assistências. Não houveram destaques individuais nas categorias de roubos de bola e tocos, porém um dado chamativo é o número de faltas recebidas pela pivô Karina, que sofreu 10 faltas, recebendo a oportunidade de arremessar 15 lances de bonificação na partida.

Figura 8 – Rede de interações sociais Ponte Preta/Nossa Caixa x Basket Parma – Mundial Interclubes Feminino

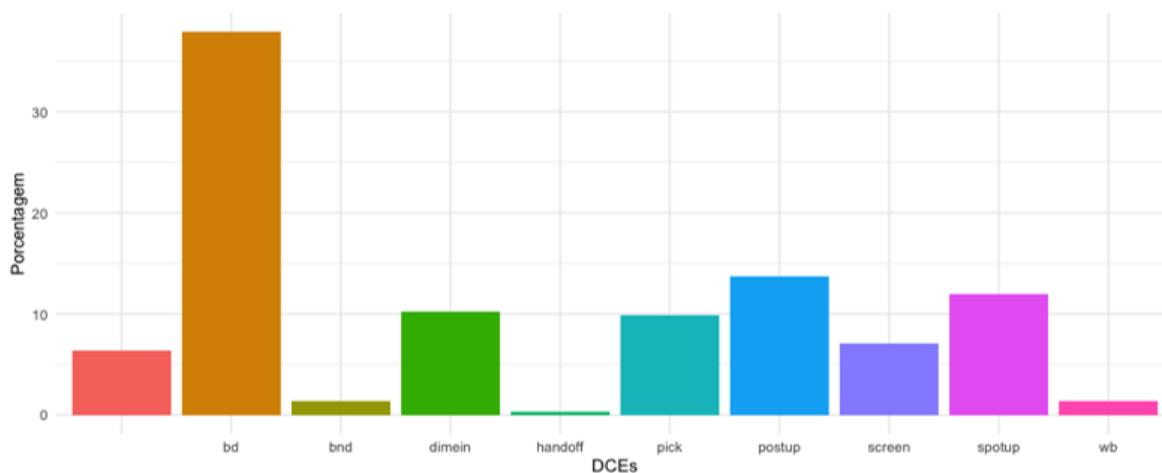


Fonte: Autor do texto

O grafo esquerdo mostra que o destino de grande parte dos passes da equipe brasileira foi a jogadora brasileira Hortência (#44), porém outras atletas como Karina (#13), Paula (#4), Roseli (#10) e Nádía (#8) foram constantemente presentes na manutenção da posse de bola. Em menor escala, Elena (#15), Helen (#5) e Cláudia (#9) foram origem e/ou destino do caminho da bola.

Olhando para o grafo da equipe italiana, diversas jogadoras, ilustradas pelos nós, compuseram o ataque do clube finalista. Comparando ambos grafos, a complexidade das redes de ambas equipes foi semelhante, revelando que tanto a equipe da Ponte Preta/Nossa Caixa quanto a equipe do Basket Parma recorreram a várias jogadoras durante a posse ofensiva. Pela análise da interação social de cada equipe, a bola não teve caminho previsível em nenhum dos lados da quadra.

Gráfico 4 - Dinâmicas de criação de espaço Ponte Preta/Nossa Caixa - Ponte Preta/Nossa Caixa x Basket Parma
– Mundial Interclubes Feminino 1993



Fonte: Autor do texto

A equipe da Ponte Preta/Nossa Caixa utilizou de diferentes dinâmicas de criação de espaço para rodar seu ataque, sendo a mais recorrente o desmarque com bola com drible, porém também usando de ações baseadas em bloqueios diretos, bloqueios indiretos, isolamentos no exterior, dime-ins e spot-ups. O uso de desmarque com bola sem drible, mão a mão e desmarque sem bola foi baixo comparado as outras DCEs.

A recorrente utilização da dinâmica de criação de espaço desmarque com bola com drible aponta que a tática ofensiva do clube brasileiro se baseava na execução individual das jogadoras para achar espaços na defesa italiana, ao mesmo tempo que a ausência de desmarques sem bola e baixa recorrência de bloqueios indiretos indica movimentação limitada por parte das jogadoras que não tinham posse da bola.

Jogo 5 - EUA x Brasil – Final Pan-Americano Masculino 1987

Figura 9 - Box Score EUA x Brasil – Final Pan-Americano Masculino 1987

Técnico: DENNY CRUM (USA)
Assistente(s) Técnico(s):

EUA (EUA)

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR			
4	KEITH SMART	15:22	4/5	80,0	4/5	80,0	0/0	0,0	2/3	66,7	1	1	2	2	2	0	0	1	2	-12	10	10
5	JEROME RICHARDSON	22:12	4/7	57,1	4/7	57,1	0/0	0,0	1/2	50,0	0	0	0	4	0	1	0	2	1	2	10	9
*6	JEFF LEBOWITZ	08:45	2/6	33,3	2/3	66,7	0/3	0,0	3/4	75,0	0	2	2	1	0	0	0	1	2	-3	5	7
*7	RICKY BERRY	12:23	1/7	14,3	1/5	20,0	0/2	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	3	-4	2
8	FENNIS DEMBO	09:57	1/5	20,0	1/4	25,0	0/1	0,0	3/6	50,0	3	3	6	0	0	0	1	0	3	-12	5	5
9	JEROME LANE	01:31	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0
10	WILLIE ANDERSON	15:05	4/6	66,7	4/6	66,7	0/0	0,0	4/6	66,7	0	0	0	1	1	1	0	4	3	3	9	12
*11	REX CHAPMAN	29:19	7/14	50,0	6/9	66,7	1/5	20,0	0/1	0,0	1	3	4	1	2	0	0	3	2	-3	10	15
12	PERMS ELLISON	17:46	6/8	75,0	6/8	75,0	0/0	0,0	2/2	100,0	3	4	7	1	1	0	0	4	1	2	19	14
*13	DANNY MANNING	25:38	5/15	33,3	5/13	38,5	0/2	0,0	4/4	100,0	4	4	8	4	0	0	0	3	3	-3	16	14
14	DEAN GARRETT	16:55	2/3	66,7	2/3	66,7	0/0	0,0	0/0	0,0	0	1	1	1	0	0	1	2	0	-5	6	4
*15	DAVID ROBINSON (C)	25:07	7/15	46,7	7/15	46,7	0/0	0,0	8/9	88,9	9	6	15	4	0	1	2	3	5	-3	35	22
Equipe/Técnico											3	6	9					0				
Totais		200:00	43/91	47,3	42/78	53,8	1/13	7,7	27/37	73,0	24	30	54	20	7	3	4	26	22	-6	130	114

Técnico: ARYMDAL (BRA)
Assistente(s) Técnico(s): JOSÉ MEDALHA (BRA)

BRASIL (BRA)

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR			
4	PAULINHO VILLAS BOAS	09:55	1/5	20,0	1/5	20,0	0/0	0,0	3/6	50,0	1	0	1	1	1	1	0	2	4	-4	0	5
5	MALURY	NJ																				
*6	GERSON VICTALINO	26:24	5/10	50,0	5/10	50,0	0/0	0,0	2/2	100,0	3	5	8					3	1	1	20	12
7	ANDRÉ STOFFEL	NJ																				
8	ROLANDO FERREIRA	03:00	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	-7	2	0
9	CADUM	24:36	3/5	60,0	2/3	66,7	1/2	50,0	3/4	75,0	0	4	4	3	0	0	0	5	3	13	14	10
*10	GUERRINHA	17:21	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	2/2	100,0	2	0	2	5	2	0	0	1	2	0	7	2
*11	MARCEL	31:21	10/20	50,0	9/16	56,3	1/4	25,0	5/6	83,3	3	8	11					2	3	5	27	26
12	PIPOKA	12:13	0/2	0,0	0/2	0,0	0/0	0,0	2/2	100,0	2	1	3	0	0	0	1	4	1	3	4	2
13	SILVIO MALVEZZI	NJ																				
*14	OSCAR SCHMIDT (C)	38:30	14/31	45,2	7/12	58,3	7/19	36,8	13/15	86,7	2	3	5	5	4	1	0	3	8	8	36	48
*15	ISRAEL	36:40	4/7	57,1	3/5	60,0	1/2	50,0	6/6	100,0	4	6	10					2	4	11	24	15
Equipe/Técnico											1	3	4					0				
Totais		200:00	37/80	46,3	27/53	50,9	10/27	37,0	36/43	83,7	18	32	50	19	10	4	4	22	26	6	137	120

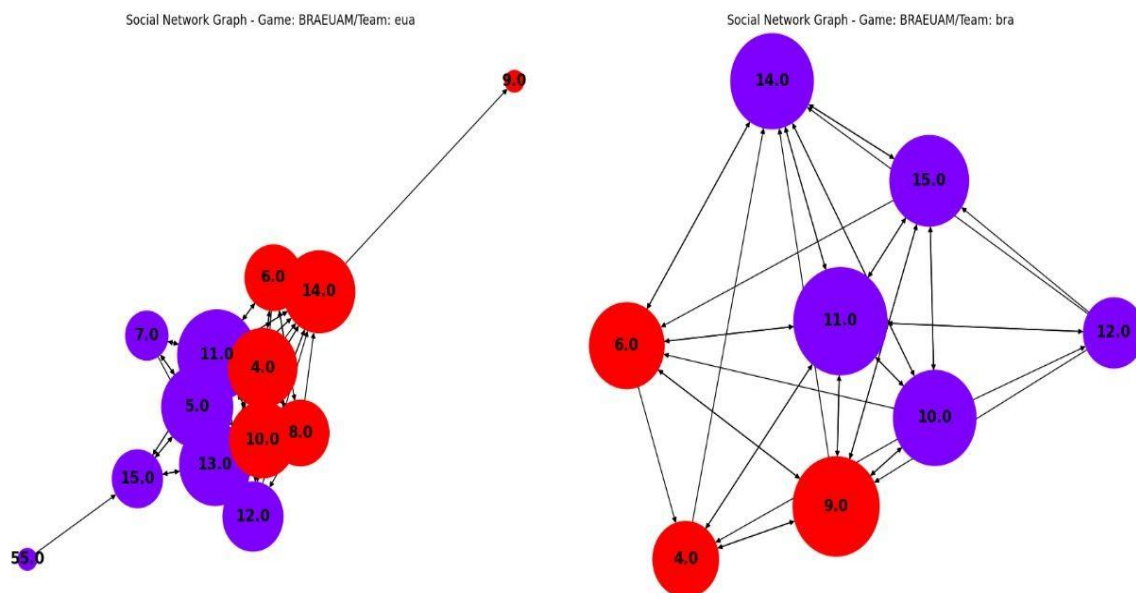
	EUA	BRA
Pontos de Erros	13	8
Pontos no Garrafão	54 (27/46) 58,7	42 (21/33) 63,6
Pontos de Segunda Chance	29	26
Pontos de Contra-ataque	31	26
Pontos do Banco	54	17

	EUA	BRA
Maior Liderança	20 (62-42)	8 (104-112)
Maior Sequência de Pontos	6 (6-0)	11 (77-73)
Mudanças na Liderança		6
Vezeas Empatadas		3
Tempo na Liderança	30:42	06:48

Fonte: Autor do texto

A seleção brasileira masculina teve protagonistas nas diferentes categorias de variáveis. Na pontuação, Oscar Schmidt (48) foi responsável por anotar mais de um terço dos pontos totais da equipe. Outros jogadores com participações notáveis no placar foram Gerson Victalino (12), Cadum (10), Marcel (26) e Israel (15). Os rebotes foram concentrados em Gerson (8) e Marcel (11), entretanto outros jogadores registraram números elevados na categoria assistências, Guerrinha (5) e Oscar (5). Oscar também teve o maior volume ofensivo, realizando 31 arremessos de campo, além de 15 lances de bonificação por receber 8 faltas da equipe americana.

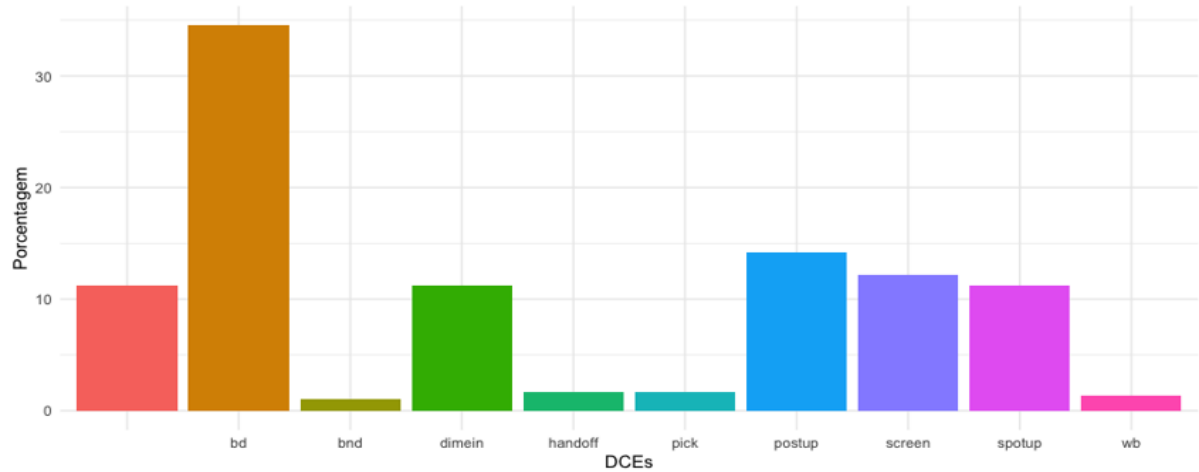
Figura 10 – Rede de interações sociais EUA x Brasil – Final Pan-Americano Masculino 1987



Fonte: Autor do texto

A manutenção da posse de bola da seleção brasileira foi centrada nas mãos de Cadum (#9), Guerrinha (#10), Marcel (#11), Oscar (#14) e Israel (#15), com participações de caráter coadjuvante de Paulinho (#4) e Pipoka (#12). Cadum foi o jogador com mais ligação entre todos os outros, como indicam as arestas do grafo da direita.

Em comparação com a equipe americana, que teve maior número de participantes ativos no ataque, porém nós menores, a seleção brasileira passou a bola em maior quantidade entre menos jogadores. O grafo da esquerda revela que todos os jogadores da equipe americana estiveram diretamente envolvidos no ataque, sendo 9 deles de forma constante. A previsibilidade de ambas equipes foi baixa, visto a grande variedade de origem e destino dos passes expressos pelas arestas.



Fonte: Autor do texto

A figura 15 revela que a seleção brasileira masculina campeã do Pan-Americano de 1987 fez do desmarque com bola com drible como sua principal ferramenta para criar vantagem no ataque. Outras dinâmicas de criação de espaço constantes foram isolamentos no interior, bloqueios indiretos, dime-ins e spot-ups, enquanto desmarques com bola sem drible, ações de mão a mão, bloqueios diretos e desmarques sem bola foram pouco utilizados. Um expressivo número de ações ofensivas que não partiram de DCEs também foi registrado.

Somando a elevada porcentagem de execuções de desmarques com bola com drible e os baixos números de ações que envolvam mais de um jogador (bloqueios diretos, bloqueios indiretos, desmarques sem bola) indicam que a seleção brasileira obteve sucesso na partida por meio de ações individuais.

Figura 11 - Box Score Real Madrid x E.C. Sírio - Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1981

REAL MADRID (RMA)															Técnico: LOLO SÁINZ (ESP) Assistente(s) Técnico(s):									
Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS		
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR					
*4	W. BRABENDER	40:00	12/16	75,0	12/16	75,0	0/0	0,0	4/4	100,0	0	5	5	4	1	2	0	4	3	26	34	28		
*6	F. ROMY	32:12	4/5	80,0	4/5	80,0	0/0	0,0	0/0	0,0	3	3	6	2	3	1	3	4	0	23	16	8		
7	J. L. LORENTE	NJ																						
8	S. MARLOMC	09:09	1/4	25,0	1/4	25,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1	2	3	0	0	0	0	1	0	-6	2	2		
10	F. MARTIN	07:48	2/3	66,7	2/3	66,7	0/0	0,0	2/3	66,7	1	2	3	1	3	1	0	2	2	3	6	6		
*11	J. CORBALAN (C)	40:00	2/4	50,0	2/4	50,0	0/0	0,0	7/8	87,5	0	4	4	12	1	2	0	2	8	26	25	11		
*12	RAFAEL JULIAN	30:51	9/14	64,3	9/14	64,3	0/0	0,0	5/6	83,3	0	7	7	1	1	2	1	5	4	32	27	23		
14	L. TURRIAGA	NJ																						
*15	M. DELIBASIC	40:00	11/16	68,8	11/16	68,8	0/0	0,0	9/10	90,0	1	3	4	6	3	2	0	0	4	26	34	31		
Equipe/Técnico											1	1	2		1			0						
Totais		200:00	41/62	66,1	41/62	66,1	0/0	0,0	27/31	87,1	7	27	34	26	13	10	4	19	21	26	145	109		

E.C. SÍRIO (ECS)															Técnico: CLÁUDIO MORTARI (BRA) Assistente(s) Técnico(s):									
Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS		
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR					
4	. DODI	09:33	1/1	100,0	1/1	100,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	1	1	0	0	3	0	6	2	2		
5	. PAULINHO	NJ																						
6	. SAIANI	06:53	1/2	50,0	1/2	50,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	-8	0	2		
*7	. CARIOQUINHA	30:23	2/7	28,6	2/7	28,6	0/0	0,0	0/0	0,0	2	2	4	3	5	0	5	2	-30	1	4			
*8	LARRY MCKINNEY	21:23	3/10	30,0	3/9	33,3	0/1	0,0	0/0	0,0	2	3	5	0	0	1	0	1	0	-15	5	6		
*9	. MARQUINHOS	40:00	12/26	46,2	12/26	46,2	0/0	0,0	5/5	100,0	9	3	12	1	2	0	1	3	6	-26	27	29		
10	. MAURY	19:36	7/9	77,8	7/9	77,8	0/0	0,0	0/0	0,0	0	1	1	3	1	2	0	1	0	-4	17	14		
*11	. MARCEL (C)	40:00	3/13	23,1	3/13	23,1	0/0	0,0	6/6	100,0	3	2	5	2	4	1	0	4	5	-26	6	12		
12	. VILAS BOAS	NJ																						
13	S. FOGGINS	05:13	1/1	100,0	1/1	100,0	0/0	0,0	0/1	0,0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	3	2		
*14	. OSCAR	26:59	4/15	26,7	4/15	26,7	0/0	0,0	4/4	100,0	3	1	4	1	0	2	0	4	4	-27	8	12		
15	. LUIZÃO	NJ																						
Equipe/Técnico											4	3	7		1			0						
Totais		200:00	34/84	40,5	34/83	41,0	0/1	0,0	15/16	93,8	24	15	39	12	15	6	1	21	18	-26	75	83		

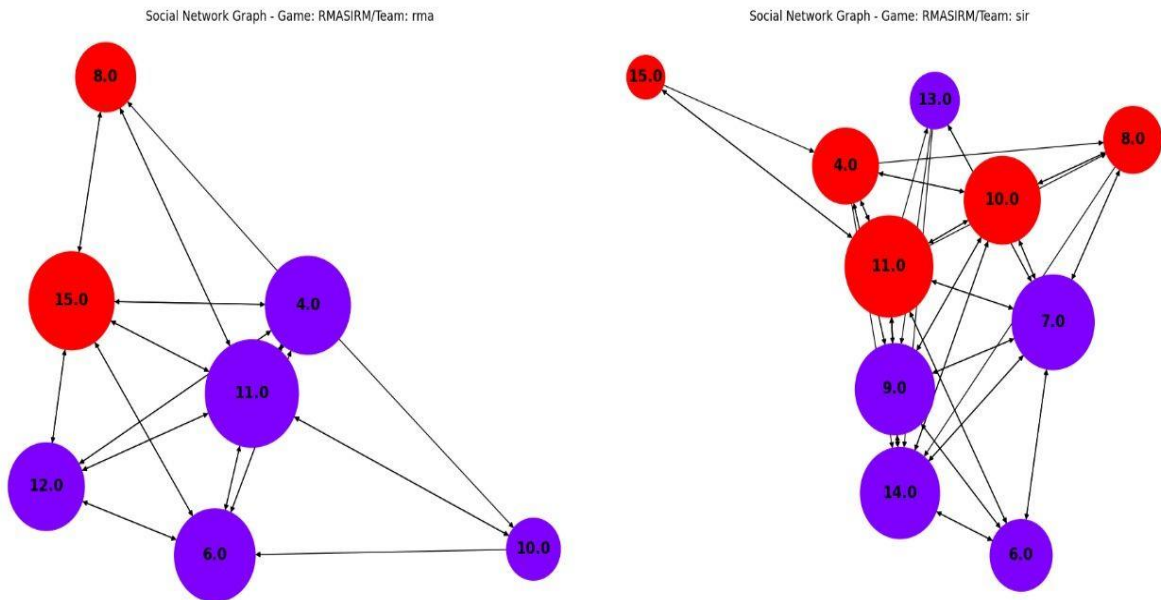
	RMA	ECS
Pontos de Erros	26	15
Pontos no Garrafão	34 (17/24) 70,8	40 (20/38) 52,6
Pontos de Segunda Chance	10	28
Pontos de Contra-ataque	30	18
Pontos do Banco	8	20

	RMA	ECS
Maior Liderança	30 (70-40)	0 (0-0)
Maior Sequência de Pontos	8 (20-8)	6 (24-14)
Mudanças na Liderança		1
Vezeas Empatadas		0
Tempo na Liderança	39:51	00:00

Fonte: Autor do texto

No Esporte Clube Sírio, vice-campeão do mundial de clubes de 1981, Marquinhos (29) foi o líder em pontos da equipe na partida contra a forte equipe espanhola, porém Maury (14), Marcel (12) e Oscar (12) também contribuíram bem. Marquinhos (12) foi o jogador mais dominante nos rebotes da equipe brasileira. Assistências, bolas recuperadas e tocos foram bem distribuídos por toda a equipe.

Figura 12 – Rede de interações sociais Real Madrid x E.C. Sírio - Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1981

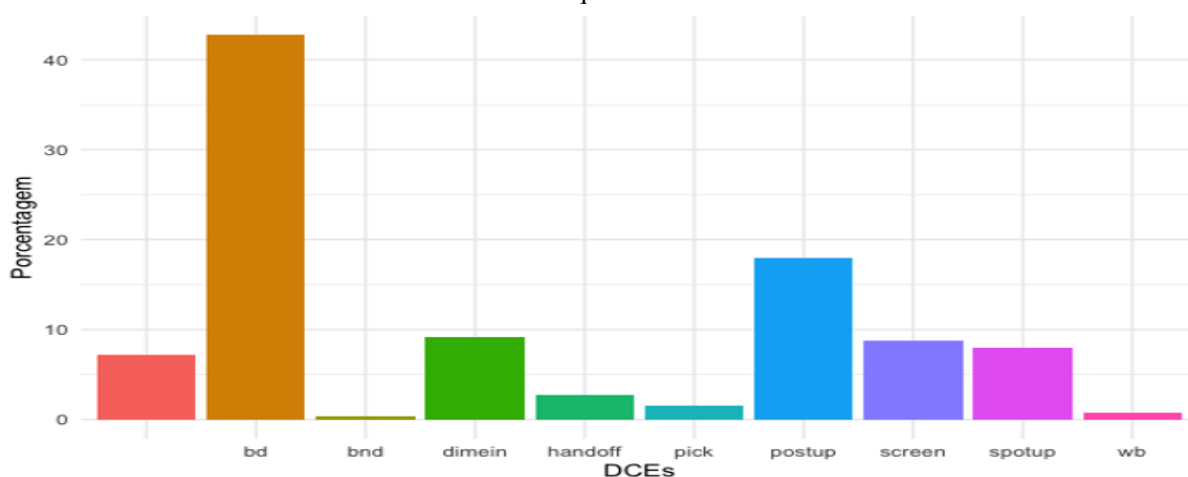


Fonte: Autor do texto

O grafo de interação social da direita revela que a equipe do Esporte Clube Sírio contou com diversos diferentes jogadores para movimentar a bola no setor ofensivo. Marcel (#11) foi o destaque, ilustrando o maior nó da rede. Carioquinha (#7), Marquinhos (#9), Maury (#10) e Oscar (#14) também foram bastante presentes na movimentação da bola, enquanto Saiani (#6), Larry (#8) e Foggins (#13) tiveram menor participação.

O grafo do E.C. Sírio é bem mais complexo que o da equipe do Real Madrid, visto que a equipe espanhola centrou suas ações em cinco jogadores principais e dois coadjuvantes. A trajetória da bola no ataque espanhol passou muito pelas mãos do armador Corbalan (#11), enquanto diversos jogadores no ataque brasileiro, além de Marcel, foram responsáveis pela manutenção da posse de bola.

Gráfico 6 - Dinâmicas de criação de espaço do E.C. Sírio - Real Madrid x E.C. Sírio - Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1981



Fonte: Autor do texto

A figura 18 expressa a recorrência de utilização das diferentes dinâmicas de criação de espaço pela equipe do Esporte Clube Sírio na final do Mundial de Clubes de 1981. O clube brasileiro apoiou seu ataque principalmente na execução de desmarques com bola com drible, também utilizando em menor proporção isolamentos no interior, bloqueios indiretos, dime-ins e spot-ups. Desmarques com bola sem drible, ações de mão a mão, bloqueios diretos e desmarques sem bola foram ou quase não utilizados. O excessivo uso de desmarques com bola com drible para criar espaço aponta que a equipe brasileira dependeu do desempenho individual de seus jogadores para ter sucesso no lado ofensivo.

Jogo 7 - Monte Líbano x Barcelona – Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1985

Figura 13 - Box Score Monte Líbano x Barcelona – Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1985

Técnico:
Assistente(s) Técnico(s):

MONTE LÍBANO (MLB)

Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS	
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR				
6	M. J. GOMES	NJ																					
7	A. E. STOFFEL	10:22	2/6	33,3	2/6	33,3	0/0	0,0	1/3	33,3	1	2	3	2	1	0	0	1	3	-3	3	5	
8	R. MCEVCIUS	20:58	4/10	40,0	4/10	40,0	0/0	0,0	2/2	100,0	2	3	5	0	1	0	0	3	2	-9	8	10	
*9	R. CARDOSO	40:00	5/9	55,6	2/5	40,0	3/4	75,0	0/0	0,0	0	5	5	4	2	1	0	0	2	-4	17	13	
*10	. DE SOUZA (C)	29:38	2/3	66,7	1/2	50,0	1/1	100,0	3/4	75,0	0	3	3	7	1	2	0	3	2	-1	17	8	
*11	M. PONIKWAR	36:53	14/24	58,3	11/17	64,7	3/7	42,9	7/9	77,8	0	3	3	0	0	1	2	4	4	-7	32	38	
12	P. S. PARAGUAI	NJ																					
13	A. L. VALIENGO	04:18	0/1	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	2	0	2	0	0	0	0	0	3	1	0	0	
*14	J. J. WANNA	25:32	0/3	0,0	0/3	0,0	0/0	0,0	2/2	100,0	0	5	5	3	2	1	0	2	3	5	6	2	
*15	I. MACHADO	32:19	6/16	37,5	6/16	37,5	0/0	0,0	1/1	100,0	1	0	1	2	1	1	0	3	3	-4	6	13	
Equipe/Técnico											3	1	4					0					
Totais			200:00	33/72	45,8	26/60	43,3	7/12	58,3	16/21	76,2	9	22	31	18	8	6	2	16	19	-4	94	89

Técnico:
Assistente(s) Técnico(s):

BARCELONA (BAR)

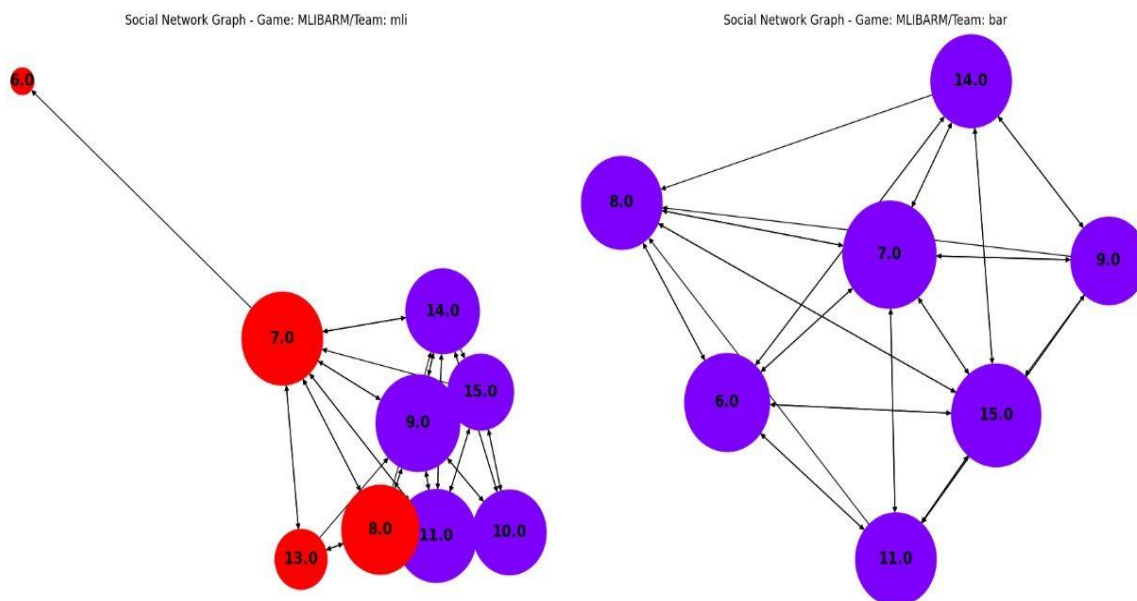
Nº	Nome	Min	Arremessos		2 Pontos		3 Pontos		Lances Livres		Rebotes			AS	ER	BR	TO	Faltas		+/-	EF	PTS	
			CT	%	CT	%	CT	%	CT	%	RO	RD	RT					FC	FR				
4	. HEREDERO	NJ																					
5	. SEARA	NJ																					
*6	. SIBILIO	29:28	12/20	60,0	11/17	64,7	1/3	33,3	2/3	66,7	3	1	4	1	1	1	0	4	3	1	23	27	
*7	. SOLOZÁBAL (C)	40:00	2/8	25,0	0/3	0,0	2/5	40,0	0/0	0,0	1	4	5	9	2	0	0	3	2	4	12	6	
*8	. HOWARD	30:46	4/9	44,4	4/9	44,4	0/0	0,0	0/2	0,0	6	11	17	1	4	1	1	3	2	5	17	8	
9	. ANSA	10:21	1/4	25,0	1/4	25,0	0/0	0,0	1/1	100,0	1	0	1	1	0	0	0	1	1	3	2	3	
10	. FERNÁNDEZ	NJ																					
11	. DE LA CRUZ	25:57	1/3	33,3	1/3	33,3	0/0	0,0	1/2	50,0	4	3	7	1	1	0	2	4	2	1	9	3	
12	. CRESPO	NJ																					
13	. MARTÍNEZ	NJ																					
*14	. DAMS	23:28	3/7	42,9	3/7	42,9	0/0	0,0	1/4	25,0	3	5	8	1	3	0	0	2	2	2	6	7	
*15	. EPI	40:00	17/32	53,1	16/28	57,1	1/4	25,0	4/4	100,0	4	2	6	5	2	4	0	2	4	4	37	39	
Equipe/Técnico											1	5	6					0					
Totais			200:00	40/83	48,2	36/71	50,7	4/12	33,3	9/16	56,3	23	31	54	19	14	6	3	19	16	4	111	93

	MLB	BAR		MLB	BAR
Pontos de Erros	12	12	Maior Liderança	9 (22-13)	7 (55-62)
Pontos no Garrafão	28 (14/33) 42,4	44 (22/40) 55,0	Maior Sequência de Pontos	6 (11-7)	9 (42-45)
Pontos de Segunda Chance	8	23	Mudanças na Liderança	9	
Pontos de Contra-ataque	17	30	Vezeas Empatadas	6	
Pontos do Banco	15	6	Tempo na Liderança	17:06	19:01

Fonte: Autor do texto

No mundial de clubes de 1985, o C.A. Monte Líbano foi derrotado por pouco pela equipe do Barcelona. Pela equipe brasileira, Marcel Ponikwar (38) foi o cestinha da equipe, além de Ricardo Cardoso (Cadum) (13), Bob Misevicius (10) e Israel Machado (13) terem contribuído com o placar. Nos rebotes a equipe brasileira não teve um protagonista, porém nas assistências Marcel (7) liderou a equipe, seguido por Cadum (4). De acordo com a imagem, nota-se que Marcel teve o maior volume ofensivo, realizando 24 arremessos de campo e indo para a linha de lance livre 9 vezes.

Figura 14 – Rede de interações sociais Monte Líbano x Barcelona – Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1985

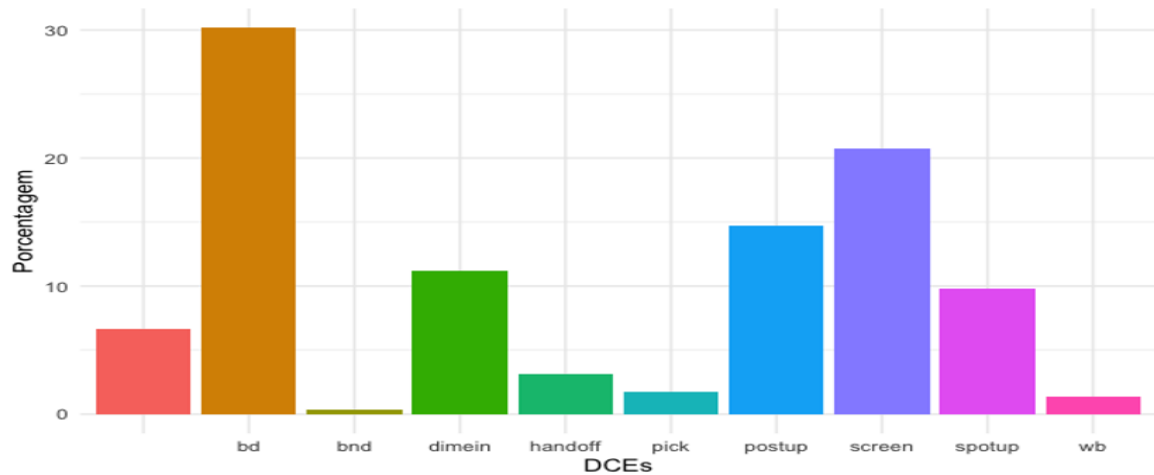


Fonte: Autor do texto

Na esquerda da figura 20 temos o grafo da rede de interações sociais da equipe Monte Líbano na partida final do Mundial de Clubes de 1985. Os atletas Stoffel (#7), Cadum (#9) e Marcel (#11) representaram os maiores nós da equipe, seguidos por De Souza (#10), Misevicius (#8), Vianna (Pipoka) (#14), Israel (#15) e Valiengo (#13). O nó ilustrando o jogador Stoffel representa o maior grau de centralidade

Em comparação com a equipe do Barcelona, representada por um grafo bastante equilibrado, ambas equipes não centralizaram a bola em poucos jogadores, acionando as mãos de diversos atletas no ataque. O grafo da equipe espanhola mostra que os 7 jogadores que entraram em quadra na final do mundial de clubes contribuíram de forma semelhante na manutenção da posse de bola, semelhante a equipe brasileira, que teve participação de diversos jogadores de forma equilibrada para atacar.

Gráfico 7 - Dinâmicas de criação de espaço do Monte Líbano - Monte Líbano x Barcelona – Final Mundial de Clubes de Basquetebol 1985



Fonte: Autor do texto

O gráfico 7 revela que durante a partida final do Mundial de Clubes de 1985, o clube Monte Líbano fez o desmarque com bola com drible ser a principal dinâmica para criação de espaços na defesa da equipe do Barcelona, também utilizando em sua tática ofensiva ações envolvendo bloqueios indiretos, isolamentos no interior, dime-ins, spot-ups e movimentos de mão a mão. As DCEs de desmarque com bola sem drible, bloqueio direto e desmarque sem bola foram pouco vistas durante a partida. O gráfico de DCEs aponta que o desmarque com bola com drible foi a ação mais utilizada taticamente, indicando que a equipe brasileira usou do talento individual para penetrar a defesa espanhola.

5. Discussão

Os dados discretos coletados a partir dos jogos da seleção feminina revelam que a seleção teve forte dependência no quesito pontuação em três jogadoras: Hortência, Janeth e Paula. Juntas, o trio foi responsável por 228 dos 303 pontos feitos nas partidas final do Pan-americano de 1991, semifinal e final do mundial feminino de 1994. Na mesma linha, as assistências foram concentradas nas mãos de Hortência e Paula, responsáveis por 36 das 53 assistências realizadas. Em compensação, os rebotes foram distribuídos entre várias jogadoras da equipe, visto que a jogadora que mais coletou rebotes foi diferente dentre os jogos (Marta Sobral em 1991, Leila Sobral na semifinal em 94, Janeth na final em 94).

A partir da análise discreta de Box score, entende-se que o setor ofensivo foi concentrado no talento jogadoras específicas para ser efetivo. Este fator é confirmado pela análise dos grafos de interação social das três partidas (figuras 2, 4 e 6), que evidenciou a constante busca das seleções brasileiras em colocar a bola nas mãos do trio Hortência, Janeth e Paula, com ocasionais participações de Leila Sobral. É possível visualizar que Paula teve o grau de centralidade mais alto da equipe pelo elevado número de arestas conectadas ao seu nó, sendo o principal destino da bola nas três partidas analisadas da seleção.

A seleção de 1991 foi dependente da utilização de desmarque com bola com drible para atacar, indicando que o trio supracitado realizou ações individuais para pontuar. Entretanto, a seleção que disputou o mundial de 1994 utilizou de, além do desmarque com bola com drible, outras dinâmicas de criação de espaço para desempenhar no ataque. O uso de bloqueios indiretos de forma recorrente indica ações coletivas para gerar espaço, porém não perdendo a característica de usar o trio referência da época para atacar individualmente com a bola. Os gráficos 2 e 3 mostram que a seleção campeã mundial teve diferentes recursos para criar conflito nas defesas adversárias, diferente da seleção campeã pan-americana, que depositou confiança no excessivo uso de desmarques com bola com drible, como ilustra o gráfico 1.

A equipe da Ponte Preta/Nossa Caixa contou com fenomenal desempenho da pivô argentina Karina para ser campeã mundial de clubes, porém as ações ofensivas também foram centradas em outras duas jogadoras, Hortência e Paula, como aponta o grafo da figura 8. Juntas, o trio da equipe paulista foi o destino mais recorrente dos passes durante a partida, apresentando elevado grau de centralidade.

Semelhante a seleção brasileira de 1991, o clube campeão mundial em 1993 fez do desmarque com bola com drible sua principal ferramenta ofensiva. Mesclando o grau de centralidade com a dependência por ações individuais no ataque, entende-se que a fase ofensiva do basquetebol na época apresentava pouco jogo coletivo. As equipes atacavam de forma simples e centralizada, colocando a bola nas mãos de poucas jogadoras para atacar.

A individualização da fase ofensiva também pode ser identificada na seleção masculina campeã do Pan-Americano de 1987, como indica o gráfico 5. A seleção masculina também utilizou do uso de desmarque com bola com drible para pontuar, porém, diferente das seleções femininas, a rede de interação social mostrou maior equilíbrio e distribuição da bola, como aponta o grafo da figura 10. Apesar de Oscar Schmidt ter liderado com conforto a pontuação da equipe brasileira, a bola constantemente esteve sob controle de outros atletas, como Guerrinha, Cadum, Marcel e Israel. Entretanto, a análise discreta do box score da partida, junto do grafo de interação social, apontam que Oscar foi o principal destino dos passes e o responsável por realizar a maior parte dos arremessos, visto o alto volume ofensivo que o atleta apresentou, de acordo com a figura 9.

Mudando o protagonista, mas mantendo os meios, a equipe do Esporte Clube Sírio, na partida final do Mundial de Clubes de 1981, realizou de forma constante ações ofensivas baseadas em desmarques com bola com drible, porém agora dependendo do atleta Marquinhos para liderar as ações ofensivas. O atleta #9 teve o maior volume de arremessos da equipe, liderando também em pontos e rebotes ofensivos, como mostra a figura 11. A análise das interações sociais também aponta para forte protagonismo de Marquinhos, já que apesar do atleta não ter sido o líder no quesito grau de centralidade, afinal o maior nó da rede do grafo da figura 12 foi o de Marcel, que também teve o mais alto número de arestas partindo/chegando, o cestinha da equipe paulista também foi representado por um grande nó com arestas chegando de diversos atletas, inclusive de Marcel, indicando que sua equipe procurou Marquinhos para pontuar.

Mantendo o padrão ofensivo de um protagonista nas equipes masculinas brasileiras durante os jogos históricos analisados, Marcel foi o líder em pontos do Clube Atlético Monte Líbano na final contra a equipe do Barcelona, sendo também o jogador com mais volume de arremessos de campo e faltas recebidas, como indica a figura 13. Apesar de uma maior utilização de bloqueios indiretos no ataque, indicando certa presença de jogo ofensivo coletivo, a escolha por dinâmicas de criação de espaço baseadas em ações individuais, como isolamento

no interior e principalmente desmarque com bola com drible, foi bastante superior as outras DCEs, seguindo a linha do desempenho de sucesso da época, como indica a figura 21. O grafo da figura 14 indica que a posse de bola foi distribuída entre os jogadores do clube brasileiro, com Stoffel e Marcel representando os nós com mais arestas chegando. Entretanto, o jogador #7 teve volume baixo, possivelmente distribuindo a bola para as mãos de Marcel e Israel, outro jogador com considerável grau de centralidade, visto o tamanho de seu nó e quantidade de arestas, e também relevância nos dados de box score, contribuindo com 13 pontos na partida.

Pelos grafos que ilustram as interações sociais entre as equipes, os elencos do naipe masculino apresentaram redes mais equilibradas. O tamanho dos nós da seleção brasileira masculina, do Esporte Clube Sírio e do Clube Atlético Monte Líbano foi uniforme, com as arestas partindo e chegando em diversas direções dentro da rede, indicando que a previsibilidade do ataque das equipes masculinas foi menor quando comparado as equipes masculinas, que centraram a posse de bola nas mãos de poucas jogadoras, de acordo com os grafos das figuras 2, 4, 6 e 8.

A diferença na categoria pontuação das equipes masculinas entre os pontos do maior pontuador de cada partida e dos outros jogadores é grande, entretanto os grafos de interações sociais mostram maior coletividade na distribuição de passes entre as posses das seleção e clubes masculinos. Por outro lado, as equipes femininas tiveram maior descentralização no quesito pontuação, porém a análise de interações sociais indicou maior previsibilidade dentro do ataque das seleções femininas e da equipe Ponte Preta/Nossa Caixa. Entende-se que as equipes masculinas usaram vários jogadores para manter a posse de bola na quadra ofensiva enquanto buscavam dar opções para os protagonistas de cada partida pontuarem, justificando o alto volume apesar da maior complexidade da rede, enquanto as equipes femininas foram altamente dependentes de poucas jogadoras, que lideraram a equipe em pontuação, volume de arremessos e grau de centralidade.

Analisando os gráficos de recorrência de utilização de dinâmicas de criação de espaço de todos os jogos, o padrão tático ofensivo dentro do recorte temporal analisado indica que o basquetebol praticado pelas equipes brasileiras apresentava simplicidade nas táticas ofensivas e ausência de jogo coletivo, visto que a coluna de desmarque com bola com drible foi a maior em todos os jogos masculinos e em metade dos jogos femininos. A seleção feminina campeã em 1994 quebrou o padrão, apresentando desmarque com bola com drible como uma DCE presente nas posses, porém dependendo mais dos bloqueios indiretos para criar espaço.

6. Conclusão

O sucesso esportivo das equipes brasileiras foi dependente de jogadores e jogadoras chaves, que apesar de simples padrões táticos, apresentaram performances de alto nível para bater seleções e clubes do mais alto escalão mundial, mostrando que o basquetebol brasileiro masculino necessitou dos jogadores considerados talentos geracionais para ganhar, porém os atletas considerados coadjuvantes foram de suma importância, afinal os protagonistas não teriam a bola em condições favoráveis para pontuar sem a distribuição de passes eficaz das equipes.

As equipes femininas, por outro lado, foram altamente dependentes de jogadoras específicas para a maior parte das funções nos jogos, deixando para as atletas coadjuvantes responsabilidades pontuais como defender bem e coletar rebotes. O sucesso da seleção feminina e da equipe Ponte Preta/Nossa Caixa, entretanto, não deve ser designado apenas as jogadoras exaltadas pela análise de dados discretos e interações sociais, visto que apesar do alto volume concentrado nas mãos de poucas atletas, os gráficos de recorrência do uso de dinâmicas de criação de espaço apontaram para o alto uso de ações coletivas, indicando a necessidade de outras jogadoras também atuarem no ataque para que a pontuação das cestinhas seja possível.

O uso da análise de metodologias contemporâneas nos jogos históricos de equipes brasileiras revelou que os talentos geracionais das seleções e clubes brasileiros tiveram alto impacto nas conquistas. O excessivo uso da dinâmica de criação de espaço desmarque com bola com drible indica simplicidade no esquema tático ofensivo das equipes, enfatizando a qualidade técnica de atletas como Hortência, Paula, Janeth, Karina, Marquinhos, Marcel, Oscar, entre outros para trazer títulos para a história do basquetebol brasileiro.

A seleção mais recente analisada (seleção feminina campeã do mundial de 1994) foi a única a quebrar o padrão tático ofensivo, indicando um possível começo de adaptação e inserção de novas estratégias para criação de espaço e, ao mesmo tempo, maior utilização do jogo coletivo para obter vitórias e sucesso nos campeonatos.

7. Referências Bibliográficas

Bai, Z., & Bai, X. (2022). Towards understanding the analysis, models and future directions of sports social networks, *Complexity*, 2022(1), 5743825.

Beharry, S. (2016). *The Prehistories of Baseball*. McFarland.

Dixon, P., Garnham, N., & Jackson, A. (2004). Shareholders and Shareholding: The case of the football company in late Victorian England. *Business History*, 46(4), 503-524.

Eaves, J. S. (2017). A history of sports notational analysis: a journey into the nineteenth century. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 15(3), 1160-1176.

Gomez, M. A. (2017). La importancia del análisis notacional como tópico emergente en Ciencias del deporte. *RICYDE. Revista Internacional de Ciencias del Deporte*, 13(47), 1-4.

Hughes, M. (2003). Notational analysis. In *Science and soccer* (pp. 253-272). Routledge.

Kubatko, J., Oliver, D., Pelton, K., & Rosenbaum, D. T. (2007). A starting point for analyzing basketball statistics. *Journal of quantitative analysis in sports*, 3(3).

Lamas, L., Santana, F., Heiner, M., Ugrinowitsch, C., & Fellingham, G. (2015). Modeling the offensive-defensive interaction and resulting outcomes in basketball. *PloS one*, 10(12), e0144435.

Lamas, L., Junior, D. D. R., Santana, F., Rostaiser, E., Negretti, L., & Ugrinowitsch, C. (2011). Space creation dynamics in basketball offence: validation and evaluation of elite teams. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 11(1), 71-84.

Oh, M. H., Keshri, S., & Iyengar, G. (2015, February). Graphical model for basketball match simulation. In *Proceedings of the 2015 MIT Sloan Sports Analytics Conference, Boston, MA, USA* (Vol. 2728).

Oliver, D. (2011). *Basketball on paper: rules and tools for performance analysis*. Univ. of Nebraska Press.

Pollard, R. (2002). Charles Reep (1904-2002): pioneer of notational and performance analysis in football. *Journal of sports sciences*, 20(10), 853-855.

Vamplew, W. (2015). In Praise of Numbers: Quantitative Sports History. In *Methodology in Sports History* (pp. 121-135). Routledge.

Vamplew, W. (2016). The power of numbers: a plea for more quantitative sports history. *Sport in Society*, 19(3), 313-320.

Vidal, A. (1991). *Basquetebol para vencedores*. Porto Alegre: Rigel.